

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO DE SANTA CATARINA – IFSC
CÂMPUS ARARANGUÁ
LICENCIATURA EM CIÊNCIAS DA NATUREZA – HABILITAÇÃO EM FÍSICA

ALCIDES VENUTE REBELLO

**AS RELAÇÕES ENTRE INTERPRETE DE LIBRAS, PROFESSOR E ALUNO
SURDO NO AMBIENTE ESCOLAR, COM FOCO NO ENSINO DE FÍSICA**

ARARANGUÁ, 2015

ALCIDES VENUTE REBELLO

**AS RELAÇÕES ENTRE INTERPRETE DE LIBRAS, PROFESSOR E ALUNO
SURDO NO AMBIENTE ESCOLAR, COM FOCO NO ENSINO DE FÍSICA**

Projeto de Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Ciências da Natureza – Habilitação em Física do Instituto Federal de Santa Catarina, Câmpus Araranguá, como parte das exigências para obtenção do título de Licenciado em Ciências da Natureza / Física.

**Professor Orientador:
Mateus Medeiros Teixeira**

ARARANGUÁ, 2015

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha família, e principalmente a minha esposa Silvana, por estar sempre ao meu lado nas horas mais difíceis, em momentos que quase desisti, e que me deu o maior apoio para nunca desista, aos meus professores que sempre me deram suporte para que eu chegasse lá nesta grande batalha e conquista.

Sumário

1- INTRODUÇÃO	5
2- JUSTIFICATIVA.....	8
3- OBJETIVOS	9
3.1 Objetivos Gerais.....	9
3.2 Objetivos específicos	9
4- REFERENCIAL TEÓRICO.....	10
4.1 Surdez	10
4.2 A Língua Brasileira de Sinais.....	12
4.3 A Legislação Brasileira	12
4.4 Processos Históricos sobre a Educação dos Surdos	19
4.4.1 Da Idade Antiga até os dias atuais	19
4.4.2 Fatos Históricos no Brasil sobre a Língua Brasileira de Sinais.....	22
4.4.3 Historia da Língua Brasileira de Sinais em Santa Catarina.....	24
5- METODOLOGIA	26
6- ANÁLISE DE PESQUISA DE CAMPO	27
6.1 Alunos Ouvinte x Intérprete.....	27
6.2 Professores x Intérprete.....	27
6.3 Alunos Ouvinte x Aluno Surdo.....	29
6.4 Intérpretes x Aluno surdo.....	29
6.5 Professores x Aluno Surdo.....	31
7- CONCLUSÃO	33
8- REFERÊNCIAS	35
9- Anexo 1 – Roteiros de Entrevista	37
Anexo 2 – Entrevistas:.....	39

1- INTRODUÇÃO

Os casos de surdez permeiam a sociedade desde o mundo antigo, e durante esse processo, o surdo foi tratado com descaso na maior parte do tempo. Apenas no Egito antigo e na Pérsia que eles foram tratados com dignidade, chegando a ser considerados enviados dos Deuses. Em regiões como China, Grécia, Atenas, Esparta, Roma, os surdos sofriam com isolamento ou assassinato, sendo lançados ao mar, sacrificados aos deuses e até mesmo lançados de rochedos.

Durante a idade Média, os surdos continuaram a sofrer com represálias e exclusões, sendo excluídos até mesmo de comungar. Porém, com um surto de nascimento de surdos, fruto do casamento entre pessoas da mesma família (com o objetivo de não espalharem suas riquezas), a igreja se viu obrigada a mudar sua visão, uma vez que eram essas famílias (senhores feudais) que à financiavam. Então, com a ajuda dos monges beneditinos (monges que viviam enclausurados, faziam “voto do silêncio”, e para não passar o conhecimento dos livros sagrados, criaram uma linguagem gestual) passou a educar os surdos.

Mas, é somente na idade moderna que surge os primeiros relatos de que o surdo possa aprender por meio da língua de sinais ou mesmo a língua oral. E neste período que surgem os primeiros manuscritos de criação de um alfabeto ilustrado e também os primeiros métodos de ensino-aprendizagem voltado para o surdo. Tais métodos foram criados principalmente por tutores dessas pessoas surdas, com Pedro Ponce de León, Juan Pablo Bonet, George Dalgarno, entre outros.

Em meados do século XVIII, Charles Michel de L'Epeé cria a primeira escola pública do mundo para surdos, em Paris. Um século depois aproximadamente, Eduard Gallaudet funda nos Estados Unidos a primeira universidade para surdos.

Neste mesmo século, mais precisamente em 1880, é realizado um congresso internacional para educadores surdos, na cidade de Milão, Itália. O fatídico Congresso de Milão representa um grande atraso na vida e na educação do povo surdo, lá foi proibido oficialmente a utilização da língua de sinais na educação do surdo. É interessante frisar que neste congresso, a maior parte dos votantes era defensor do oralismo puro e que os professores surdos que dele participaram não tiveram “voz” neste processo de votação. No fim, houveram apenas 5 participantes dos Estados Unidos que foram contra o oralismo puro. Tal método durou até a década de 70.

Em 1960, Willian Stokoe publicou o trabalho “Language Structure: na Outline of

the Visual Communication System of the American Deaf”, mostrando que a língua de sinais tem as mesmas características da língua oral. Este trabalho é a semente para muitos estudos na América e Europa.

A partir daí, se torna crescente a preocupação com a inserção das pessoas deficientes na sociedade, e no ano de 1975, é aprovada a Declaração dos Direitos das Pessoas Deficientes em Assembléia Geral da Organização das Nações Unidas, garantindo o compromisso dos estados membros de agir em conjunto ou separadamente no desenvolvimento desse processo de igualdade.

Um dos campos de maior impacto dessas leis foi no âmbito da educação. Falando de Brasil, essa primeira preocupação surge em 1988, onde a educação especial passou a ser dever do Estado conforme está descrito no art. 208, Inciso III da Constituição Federal de 1988: “O dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino.”

Atualmente, quando observamos uma pessoa surda se comunicando em língua de sinais, percebe-se que sua deficiência em um dos sentidos, que é a audição, faz com que, de modo geral, sua percepção seja distinta dos demais.

Para um surdo, cuja surdez possui um grau elevado e já se tornou parte de sua vida, músicas, fundo musical num filme, buzinas de veículos, latido de um cão e outros sons que nos parecem corriqueiros, simplesmente não existem. O mundo do surdo é basicamente visual (VELOSO, E. 2009, p. 20).

Lembramos que, mundialmente, a língua de sinais possui status linguístico desde a década de 60, ou seja, ela é realmente uma língua, e deve ser estudada com vistas aos elementos básicos que a constituem, seja naquilo que se tem chamado de unidades formacionais ou em aspectos sintáticos, semânticos, pragmáticos, discursivos e outros como os da sociolinguística, garantindo assim o direito de comunicação do surdo dentro da sociedade, fazendo com que não haja discriminação.

À medida em que a língua de sinais passou a ser reconhecida enquanto língua de fato, os surdos passaram a ter garantias de acesso a ela e conseqüentemente às instituições de ensino público municipal, estadual e federal, conforme a lei de Diretrizes e Bases da Educação de 1996, em que no seu artigo 4º, subitem III, coloca:

III - atendimento educacional especializado gratuito dos educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação, transversal a todos os níveis, etapas e modalidades, preferencialmente na rede regular de ensino;

Porém, como dito por Strobel (2009), embora tenha sido aprovada uma lei que permitisse o acesso do surdo ao ensino regular, onde estavam os professores preparados? Qual a infra-estrutura dessas escolas que estariam aptas a receber o povo surdo?

Tal evolução é tardia, notamos isso pois é somente na LEI N° 10.436 de 24 de Abril de 2002, é que a língua brasileira de sinais é reconhecida como meio legal de comunicação e expressão, como segue:

Art. 1º É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais - Libras e outros recursos de expressão a ela associados.

Parágrafo único. Entende-se como Língua Brasileira de Sinais Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema lingüístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema lingüístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil.

E sua regulamentação ocorre em 2005, com o DECRETO N° 5.626, de 22 de Dezembro, que regulamenta também o artigo 18º da LEI 10.098 de 19 de dezembro de 2000, dando ao poder público a incumbência de formar profissionais intérpretes na área de linguagem de sinais. Além disso, o DECRETO nº 5.626 insere a unidade curricular de LIBRAS como obrigatória nos cursos de formação docente, licenciaturas e cursos de fonoaudiologia.

Com estas leis e diretrizes, nos perguntamos, será que o surdo está de fato incluso na sociedade? E na educação, como ele está? Como este aluno é recebido em sala de aula? É dada a atenção devida a esses alunos? Será que estão se desenvolvendo neste processo? Conseguem se comunicar com seus colegas, se expressar e interagir? Estamos preparando cidadãos de fato? Ou as escolas/governos seguem sem respeitar o que está previsto na constituição, leis e decretos, tratando o sujeito surdo como os demais alunos, a menos da presença de um intérprete.

Pensando na inclusão destes alunos surdos, resolvemos investigar de que maneira ela está acontecendo, mais especificamente, observar como acontece a relação entre intérprete e aluno surdo, intérprete e professor, aluno surdo e aluno ouvinte, qual a visão dos ouvintes em relação ao interprete e também, como se deu a formação do intérprete e do professor de física que recebe esse aluno. Será que a escola oferece espaço para melhor formação dos mesmos?

2- JUSTIFICATIVA

No semestre de 2012/1 me deparei com a seguinte situação. Um funcionário da empresa em que trabalho trocou de turno, vindo trabalhar no mesmo período que eu. Até então a situação seria corriqueira, não fosse o fato do mesmo ser surdo. Alguns colegas de turno ficaram recuados pela situação, preocupados por não conseguirem falar com ele, e passar informações de trabalho e segurança. Segurança esta, que é de extrema importância em uma empresa, ainda mais se tratando de um colega surdo.

No decorrer dos dias, verifiquei em que o colega surdo ficara restrito em sua máquina, fazendo suas atividades do dia-a-dia e comunicando-se somente comigo, pois eu já tinha feito a disciplina de LIBRAS no curso de licenciatura. Apesar de eu ter aprendido apenas o básico, por se tratar de uma disciplina com carga horária baixa, já era suficiente para comunicar-nos e criarmos uma relação de coleguismo. Porém, o fato de eu conseguir me comunicar e os demais colegas não, me deixava triste, principalmente percebendo que na maior parte do tempo o surdo permanecia sem interagir e se aproximar dos demais. Comecei então um processo de integração entre os colegas ouvintes com o colega surdo. A ideia foi passar o pouco que sabia de LIBRAS para eles. Assim, quando tinha que passar uma atividade, chamava um colega ouvinte, passava as informações em LIBRAS, e os instruí, fazendo com que eles dessem o primeiro passo nesse processo de comunicação.

O retorno dos meus colegas foi incrível, e a partir disso o cenário mudou, eles passaram a me perguntar diversos sinais em LIBRAS, nos mais variados assuntos, para que pudessem se comunicar com o colega surdo. Com essa mudança, a comunicação fluiu, e a situação mudou, agora vejo o colega surdo mais alegre e comunicativo, e os demais ouvintes, indo até o surdo para conversar, o que me deixa mais tranquilo, pois agora todos estão falando a “mesma língua”.

A partir daí, surgiu a iniciativa de pesquisar como se dá essa relação dentro da escola regular, visto que a Lei nº 9394/96 (Lei de Diretrizes e Bases para a Educação - LDB 1996) prevê que as escolas regulares de ensino devem incluir (preferencialmente) em seu âmbito escolar alunos com as mais diversas deficiências, em particular, alunos com surdez.

3- OBJETIVOS

3.1 Objetivos Gerais

Verificar como acontece o processo de inclusão dos alunos com surdez nas escolas de Ensino Básico regular do município de Araranguá.

3.2 Objetivos específicos

- Realizar um levantamento das escolas que possuem alunos surdos no Ensino Médio regular.
- Verificar como se dá a relação entre Intérprete/Professor/Aluno ouvinte/Aluno surdo no ambiente escolar, seus respectivos comportamentos dentro da sala de aula e como o professor leciona em uma sala com alunos surdos. Será que há diferença entre turmas com alunos surdos e turmas sem alunos surdos?
- Verificar se o aluno surdo quando ingressa em uma escola regular já vem alfabetizado em libras e em português (modalidade escrita).
- Analisar quais as dificuldades de aprendizagem apresentadas pelo aluno surdo no que se refere aos conteúdos de Física.

4- REFERENCIAL TEÓRICO

Nesta seção, apresentamos o contexto histórico e a legislação que dá amparo ao surdo dentro da sociedade. Ainda, fazemos um breve relato sobre a surdez, suas causas e consequências e apresentamos a LIBRAS como língua do surdo brasileiro.

4.1 Surdez

A surdez ou hipoacusia é um termo genérico que serve para definir a perda auditiva. As causas de surdez devidas a lesão central (cerebral) são muito raras, de forma que a grande maioria está relacionada com alterações do ouvido. Há dois tipos de surdez, a de transmissão, que origina-se no ouvido externo ou médio e a surdez neurossensorial (também denominada surdez de percepção), que origina-se essencialmente no ouvido interno. Em ambas as categorias, é necessário distinguir causas genéticas e adquiridas (estima-se que três quartos dos casos de surdez são de causa genética e um quarto são adquiridas durante a gravidez ou no período perinatal). Neste sentido, vemos que a surdez pode ser adquirida durante a vida pós-natal através de uma doença (traumatismo acústico, infecção, ototóxicos, envelhecimento, etc.) ou também pode ser devida a alterações adquiridas sobre uma predisposição genética, uma vez que os indivíduos são todos diferentes face à infecção ou o traumatismo acústico, etc.

Ainda, podemos classificá-la em relação a gravidade do problema de surdez, sendo respectivamente chamados de: surdez ligeira, moderada, severa e profunda. A Surdez total designa-se cofose.

A surdez pode desenvolver-se de múltiplas formas ao longo do tempo.

Podendo instalar-se de forma súbita ou progressiva e ainda, ser estável ou flutuante, ao longo do tempo.

Um aspecto importante é a identificação da idade de aparecimento da surdez. Nas crianças, as repercussões da surdez são muito diferentes se esta surgir antes ou depois da aquisição da linguagem, o que torna fundamental e extremamente relevante a realização de exames periódicos. Sem contar que uma surdez detectada pouco após a sua instalação tem melhores perspectivas que uma surdez antiga. Assim, é cada vez maior o número de países que desenvolvem programas de detecção precoce de surdez nos recém nascidos e campanhas de prevenção para o restante

de população.

É importante frisar que o quanto antes a surdez é identificada numa criança, mais rápido pode ser a interação dela com a língua de sinais e com outras pessoas surdas, indo ao encontro com o que afirma o sueco linguista surdo John Wallis:

Se os surdos tem contato com a língua de sinais desde cedo, assim a criança surda poderia sentir como as outras crianças, fazer perguntas e obter as repostas, ou seja, a curiosidade da criança surda será satisfeita muitas vezes e terá maior acesso as informações. (WALLIS, 1990, Apud STROBEL, 2008)

Um fato que corrobora esta afirmação vem de pesquisas realizadas nos Estados Unidos, Europa e Brasil. Elas mostraram que as crianças surdas cujos pais também são surdos apresentam um melhor desenvolvimento da linguagem que as crianças surdas filhas de ouvintes. O motivo desse melhor desenvolvimento se dá porque os pais surdos, por já possuírem o domínio da língua de sinais, acabam se “comunicando” através da mesma com os filhos surdos desde cedo, esclarecendo todas as suas curiosidades naturais.

Segundo a organização mundial de saúde, em cada 1000 nascimentos diagnosticam-se 1 a 1,5 casos de surdez severa ou profunda, este número eleva-se a 3% se forem incluídos casos de surdez moderada e aos 5% se forem incluídos todos os casos de hipocausia. Mas, o que significa tais graus de surdez? Abaixo trazemos um resumo de cada um deles com exemplos indicativos do que uma pessoa surda passa a não escutar em cada nível. Lembrando que tais níveis são mensurados em decibéis e não em porcentagem.

A surdez leve apresenta perda auditiva entre 25 a 40 dB, nesse estágio o surdo escuta os sons de vogais, porém, os sons de consoantes como f, s, t, p, k podem estar inaudíveis, assim como o tique-taque do relógio. É visto que tal surdez não impede a aquisição normal da linguagem, porém, pode causar algum problema articulatório ou dificuldade na leitura e/ou escrita.

A surdez moderada apresenta perda auditiva entre 45 a 70 dB, nesse estágio os sons da fala quase não são percebidos ao nível natural, sendo percebido apenas sons fortes como choros de crianças, de aspirador de pó funcionando. Em tal nível, a comunicação passa a ser bastante limitada sem o uso da língua de sinais.

A surdez severa apresenta perda auditiva entre 70 a 90 dB, nesse estágio nenhum som da fala é audível, e apenas alguns poucos sons podem ser entendidos, como latidos de cachorro, sons graves de pianos e toques de telefones em volume

máximo.

A surdez profunda ocorre quando a perda auditiva é acima de 90 dB, e nenhum som é entendido, se a alteração auditiva ocorrer no nascimento, a fala e a linguagem podem ser atrasados ou não ocorrer. Alguns sons podem ser captados, como motocicletas, serra elétrica e helicópteros.

4.2 A Língua Brasileira de Sinais

Segundo Quadros, 2004, uma língua é um sistema de signos compartilhado por uma comunidade linguística comum. A fala ou sinais são expressões de diferentes línguas. A língua é um fato social, ou seja, um sistema coletivo de uma determinada comunidade linguística.

Uma linguagem possui um sentido mais abstrato do que a língua, ou seja, refere-se ao conhecimento interno dos falantes-ouvintes de uma língua.

Uma língua de sinais é uma língua utilizada pelas comunidades surdas. As línguas de sinais apresentam propriedades específicas das línguas naturais, sendo, portanto, reconhecidas enquanto línguas pela linguística. As línguas de sinais são visuais-espaciais captando as experiências visuais das pessoas surdas.

A **Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS)** é a língua utilizada pelas comunidades surdas brasileiras. Ela serve tanto para a comunicação entre surdos, como entre surdos e ouvintes. Para melhor nos inteirarmos e integrarmos a essa realidade, é interessante que essa língua se faça conhecida e desmistificada havendo procura por seu aprendizado.

4.3 A Legislação Brasileira

Hoje vivemos um momento em que a inclusão está em todo os cantos do mundo. Por se tratar de pessoas com necessidade específicas, existem muitos históricos de exclusão, e daí surge a necessidade de Leis que garantam seus direitos, como qualquer outro cidadão.

Um dos primeiros direitos básicos é a comunicação. É através dela que passamos a desenvolver e crescer como pessoa crítica. Segundo o programa nacional de apoio a educação de surdos, a medida em que a língua de sinais do país passou a ser reconhecida enquanto meio de comunicação, os surdos passaram a ter

garantias de acesso ao direito linguístico. Destacamos aqui algumas leis que garantem (ou tentam garantir) a igualdade de acesso ao surdo.

Inicialmente, lembramos que a Constituição Federal de 1988, em seu artigo 1º, incisos II e III, diz que a República Federativa do Brasil constitui-se em Estado Democrático de Direito e tem como fundamentos, a cidadania e a dignidade da pessoa humana, e em seu artigo 3º, inciso IV, promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação, ou seja, pensando educacionalmente, nas entrelinhas a constituição fala da inclusão de todos, indiferente de cor, credo, classe social ou necessidade específica na escola regular.

Destacamos também a Declaração de Salamanca, construída em 1994 num congresso em Salamanca – Espanha, que trata sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais. Neste documento elaborado por representantes de 88 governos e 25 organizações internacionais, fica registrado o compromisso para com a **Educação para Todos** reconhecendo a necessidade e urgência do providenciamento de educação para as crianças, jovens e adultos com necessidades educacionais especiais dentro do sistema regular de ensino. Ainda, fica reconhecida a importância da linguagem de signos como meio de comunicação entre os surdos, por exemplo, deveria ser reconhecida e provisão deveria ser feita no sentido de garantir que todas as pessoas surdas tenham acesso a educação em sua língua nacional de signos.

Por fim, em 1996, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional regulamenta a educação especial na escola regular nos Capítulos V, VI e VII e declara que “as pessoas com necessidades educacionais especiais devem ter acesso às escolas comuns, que deverão integrá-las numa pedagogia centralizada na criança, capaz de atender a essas necessidades” e ainda que “Haverá, quando necessário, serviços de apoio especializado, na escola regular, para atender às peculiaridades da clientela de educação especial”.

Porém, é apenas no ano de 2000 que o poder público assume o processo de formação de profissionais intérpretes de escrita em braile, linguagem de sinais e de guias-intérpretes, como pode ser visto no Capítulo VII, art. 18 da lei nº 10.098 de 19 de Dezembro com o intuito de facilitar qualquer tipo de comunicação direta à pessoa portadora de deficiência PNE portador de necessidades especiais sensorial e com dificuldade de comunicação.

Como pode ser visto no texto acima, em 2000 ainda não era reconhecida a

LIBRAS como a língua de sinais brasileira (o texto da lei fala apenas em linguagem de sinais). Tal fato só ocorreu em 24 de Abril de 2002, onde o presidente da república, **Fernando Henrique Cardoso**, sanciona a lei nº 10.436, reconhecendo a língua brasileira de sinais como meio de comunicação entre surdos. Por se tratar de uma lei fundamental para a cultura surda e garantir seus direitos, trazemos ela abaixo na íntegra:

Art. 1º É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a língua Brasileira de Sinais – Libras e outros recursos de expressão a ela associados.

Parágrafo único. Entende-se como Língua Brasileira de Sinais – Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil.

Art. 2º Deve ser garantido, por parte do poder público em geral e empresas concessionárias de serviços públicos, formas institucionalizadas de apoiar a difusão da Língua Brasileira de Sinais – Libras como meio de comunicação objetiva e de utilização correntes das comunidades surdas do Brasil.

Art. 3º As instituições públicas e empresas concessionárias de serviços públicos de assistência à saúde devem garantir atendimento e tratamento adequado aos portadores de deficiência auditiva, de acordo com as normas legais em Aluno Surdo 2.

Art. 4º O sistema educacional federal e os sistemas educacionais estaduais, municipais e do Distrito Federal devem garantir a inclusão nos cursos de formação de educação especial, de Fonoaudiologia e de Magistério, em seus níveis médio e superior, do ensino da Língua Brasileira de Sinais – Libras, como parte integrante dos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs conforme legislação vigente.

Parágrafo único A língua Brasileira de Sinais – Libras não poderá substituir a modalidade escrita da língua portuguesa.

Art. 5º Esta Lei entra em vAluno Surdo 2 na data de sua publicação (MINISTÉRIO DA JUSTIÇA, 2002).

Cabe ressaltar que, embora essas duas leis (10.098 e 10.436) tenham sido sancionadas é somente em 2005, através do Decreto 5626, de 22 de dezembro, que estas leis são regulamentadas e passam a “valer de fato”. Além disso este decreto reconhece como pessoa surda aquela que, por ter perda auditiva, compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura

principalmente pelo uso da Língua Brasileira de Sinais – Libras. Ainda, entende-se por deficiência auditiva a perda bilateral, parcial ou total, de quarenta e um decibéis (dB) ou mais, aferida por audiograma nas frequências de 500Hz, 1.000Hz, 2.000Hz e 3.000Hz.

Salientamos também outros pontos considerados importantes neste decreto, como o art. 3º do capítulo 2, que fala sobre a inclusão da libras como disciplina curricular, dizendo que a mesma deve ser ofertada como disciplina obrigatória nos cursos de formação de professores para o exercício do magistério, em nível médio e superior, e nos cursos de Fonoaudiologia, de instituição de ensino, públicas e privadas, do sistema federal de ensino e dos sistemas de ensino dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios.

O capítulo 3, em seu art. 4º fala sobre a formação do professor de libras e do instrutor de libras, e diz que a formação de docentes para o ensino de Libras nas séries finais do ensino fundamental, no ensino médio e na educação superior deve ser realizada em nível superior, em curso de graduação de licenciatura plena em Letras: Libras ou em Letras: Libras/Língua Portuguesa como segunda língua, dando prioridade ao ingresso de pessoas surdas nesses cursos de formação.

O capítulo 4 trata do uso e da difusão da libras e da língua portuguesa para o acesso das pessoas surdas a educação, lá consta que as instituições federais de ensino devem garantir, obrigatoriamente, às pessoas surdas acesso à comunicação, à informação e à educação nos processos seletivos, nas atividades e nos conteúdos curriculares desenvolvidos em todos os níveis, etapas e modalidades de educação, desde a educação infantil até à superior. Para garantir o atendimento educacional especializado e o acesso previsto, as instituições federais de ensino devem:

I - promover cursos de formação de professores para:

- a) o ensino e uso da Libras;
- b) a tradução e interpretação de Libras - Língua Portuguesa;
- c) o ensino da Língua Portuguesa, como segunda língua para pessoas surdas;

II - ofertar, obrigatoriamente, desde a educação infantil, o ensino da Libras e também da Língua Portuguesa, como segunda língua para alunos surdos;

III - prover as escolas com:

- a) Professor de Libras ou instrutor de Libras;
- b) Professor para o ensino de Língua Portuguesa como segunda língua para pessoas surdas;

c) Professor regente de classe com conhecimento acerca da singularidade lingüística manifestada pelos alunos surdos;

IV - garantir o atendimento às necessidades educacionais especiais de alunos surdos, desde a educação infantil, nas salas de aula e, também, em salas de recursos, em turno contrário ao da escolarização;

V - apoiar, na comunidade escolar, o uso e a difusão de Libras entre professores, alunos, funcionários, direção da escola e familiares, inclusive por meio da oferta de cursos;

VI - adotar mecanismos de avaliação coerentes com aprendizado de segunda língua, na correção das provas escritas, valorizando o aspecto semântico e reconhecendo a singularidade lingüística manifestada no aspecto formal da Língua Portuguesa;

VII - desenvolver e adotar mecanismos alternativos para a avaliação de conhecimentos expressos em Libras, desde que devidamente registrados em vídeo ou em outros meios eletrônicos e tecnológicos;

VIII - disponibilizar equipamentos, acesso às novas tecnologias de informação e comunicação, bem como recursos didáticos para apoiar a educação de alunos surdos ou com deficiência auditiva.

O capítulo 5 da referida lei trata da formação do profissional tradutor e intérprete em libras, e diz que tal formação deve efetivar-se por meio de curso superior de Tradução e Interpretação, com habilitação em Libras - Língua Portuguesa. Além disso, prevê que nos 10 anos seguintes a sua publicação, a formação de tradutor e intérprete de Libras - Língua Portuguesa, em nível médio, pode ser realizada por meio de cursos de educação profissional, cursos de extensão universitária e cursos de formação continuada promovidos por instituições de ensino superior e instituições credenciadas por secretarias de educação. Ainda, tal formação pode ser realizada por organizações da sociedade civil representativas da comunidade surda, desde que o certificado seja convalidado por uma das instituições de ensino superior ou credenciada nas secretarias de educação.

Por fim, os capítulos 6 e 7 da lei falam da garantia do direito à educação e à saúde das pessoas surdos ou com deficiência auditiva respectivamente. Pelo capítulo 6 ser, ao nosso ver, de extrema importância, trazemos o capítulo na íntegra:

Art. 22. As instituições federais de ensino responsáveis pela educação básica devem garantir a inclusão de alunos surdos ou com deficiência auditiva, por meio da

organização de:

I - escolas e classes de educação bilíngue, abertas a alunos surdos e ouvintes, com professores bilíngues, na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental;

II - escolas bilíngues ou escolas comuns da rede regular de ensino, abertas a alunos surdos e ouvintes, para os anos finais do ensino fundamental, ensino médio ou educação profissional, com docentes das diferentes áreas do conhecimento, cientes da singularidade linguística dos alunos surdos, bem como com a presença de tradutores e intérpretes de Libras - Língua Portuguesa.

§1º São denominadas escolas ou classes de educação bilíngue aquelas em que a Libras e a modalidade escrita da Língua Portuguesa sejam línguas de instrução utilizadas no desenvolvimento de todo o processo educativo.

§2º Os alunos têm o direito à escolarização em um turno diferenciado ao do atendimento educacional especializado para o desenvolvimento de complementação curricular, com utilização de equipamentos e tecnologias de informação.

§3º As mudanças decorrentes da implementação dos incisos I e II implicam a formalização, pelos pais e pelos próprios alunos, de sua opção ou preferência pela educação sem o uso de Libras.

§4º O disposto no § 2º deste artigo deve ser garantido também para os alunos não usuários da Libras.

Art. 23. As instituições federais de ensino, de educação básica e superior, devem proporcionar aos alunos surdos os serviços de tradutor e intérprete de Libras - Língua Portuguesa em sala de aula e em outros espaços educacionais, bem como equipamentos e tecnologias que viabilizem o acesso à comunicação, à informação e educação.

§1º Deve ser proporcionado aos professores acesso à literatura e informações sobre a especificidade linguística do aluno surdo.

§2º As instituições privadas e as públicas dos sistemas de ensino federal, estadual, municipal e do Distrito Federal buscarão implementar as medidas referidas neste artigo como meio de assegurar aos alunos surdos ou com deficiência auditiva o acesso à comunicação, à

informação e à educação.

Art. 24. A programação visual dos cursos de nível médio e superior, preferencialmente os de formação de professores, na modalidade de educação a distância, deve dispor de sistemas de acesso à informação como janela com tradutor e intérprete de Libras - Língua Portuguesa e subtítulo por meio do sistema de legenda oculta, de modo a reproduzir as mensagens veiculadas às pessoas surdas, conforme prevê o Decreto nº 5.296, de 2 de dezembro de 2004.

Ou seja, ao analisar o texto do Decreto nº 5626, vemos que a partir de 2006 a Libras e a modalidade escrita da língua portuguesa devem ser tratadas como línguas de instrução do surdo, e as escolas que possuem alunos matriculados com surdez, o ensino deve ser organizado em classes bilíngues para alunos do 1º ao 5º ano tanto surdos quanto ouvintes, e do 6º ao 9º ano, ensino médio, técnico e graduações, o ensino pode ser organizado junto com tradutores e intérpretes, respeitando sempre a singularidade dos alunos surdos.

Vemos então que está garantida a inserção do surdo na escola regular e a presença do tradutor intérprete. Mas, que profissional é esse? quais suas atribuições e afazeres dentro e fora da sala de aula? É somente na Lei nº12.319, de 1 de setembro de 2010, que a profissão de tradutor e intérprete da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS é regulamentada e salientamos aqui seu artigo segundo, que fala que o tradutor e intérprete terá competência para realizar interpretação das 2 (duas) línguas de maneira simultânea ou consecutiva e proficiência em tradução e interpretação da Libras e da Língua Portuguesa. Deve-se efetuar comunicação entre surdos e ouvintes, surdos e surdos, surdos e surdos-cegos, surdos-cegos e ouvintes, por meio da Libras para a língua oral e vice-versa,

E em seu artigo sétimo, mostra que o intérprete deve exercer sua profissão com o Aluno Surdo 2 técnico, zelando pelos valores éticos a ela inerentes, pelo respeito à pessoa humana e à cultura do surdo e, em especial: pela honestidade e discrição, protegendo o direito de sigilo da informação recebida; pela atuação livre de preconceito de origem, raça, credo religioso, idade, sexo ou orientação sexual ou gênero; pela imparcialidade e fidelidade aos conteúdos que lhe couber traduzir; pelas postura e conduta adequadas aos ambientes que frequentar por causa do exercício profissional; pela solidariedade e consciência de que o direito de expressão é um direito social, independentemente da condição social e econômica daqueles que dele necessitem; pelo conhecimento das especificidades da comunidade surda.

O que nos remete a Quadros (2014, p.17) que em uma pesquisa realizada com

intérpretes na Europa e no Brasil conclui que “a medida que os surdos ampliam suas atividades e participam nas atividades políticas e culturais da sociedade, o intérprete de língua de sinais se torna mais qualificado e reconhecido profissionalmente.”

Mostrando que a inclusão em uma sociedade surda é muito importante para o crescimento cultural e intelectual da pessoa surda.

Voltando a questão do intérprete, embora sua profissão esteja regulamentada, ainda faltam resolver questões práticas de sua atuação, sendo hoje guiada apenas pelo código de conduta ética do tradutor intérprete.

4.4 Processos Históricos sobre a Educação dos Surdos

Nesta seção, falaremos de alguns tópicos históricos sobre a investigação da surdez e a educação dos surdos, desde a idade antiga até os dias atuais. Vemos como ocorreu esse processo no Brasil e também em Santa Catarina. Seguiremos aqui os autores Paulo Vaz de Carvalho, Ronice Muller de Quadros, Audrei Gesser, Deonísio Schimitt e Lima Gremom.

4.4.1 Da Idade Antiga até os dias atuais

No Egito, os surdos eram pessoas protegidas, consideradas criaturas privilegiadas, enviados dos deuses. Os egípcios acreditavam que eles se comunicavam em segredo com os deuses. Havia um forte sentimento humanitário e de respeito, protegiam e tributavam aos surdos a adoração. No entanto os surdos tinham vida inativa e não eram educados.

Na China, os surdos eram lançados ao mar. Sacrificados ao célebre “Deus Teutates” por ocasião da festa do Agárico. Na Grécia, os surdos eram considerados incapazes para o raciocínio, insensíveis e um incômodo para a sociedade, por isto eram condenados à morte, lançados abaixo do topo de rochedos de Taygète, nas águas de Barathere e os sobreviventes viviam miseravelmente como escravos ou abandonados; Em Atenas, os surdos eram rejeitados e abandonados nas praças públicas ou nos campos, e em Esparta, os surdos eram jogados do alto dos rochedos. Segundo Heródoto, os surdos eram “Seres castigados pelos deuses”.

Na Idade Média não davam tratamento digno aos surdos, eram sujeitos estranhos e motivo de curiosidade da sociedade. Eram proibidos de receber a

comunhão por serem considerados incapazes de confessar seus pecados. Havia decretos bíblicos contra o casamento de duas pessoas surdas, só sendo permitido aqueles com autorização do papa e existiam leis que proibiam os surdos de receber heranças e votar e de todos os direitos como cidadão.

Nesta época a sociedade era dividida em feudos, os nobres, para não dividir suas heranças com outras famílias, acabavam casando-se entre si, o que gerou grande número de surdos.

Mas como esses senhores feudais ajudavam de forma financeira a igreja católica, esta por sua vez pensou se, de repente morresse todos os membros ouvintes de uma família em que o herdeiro fosse um surdo, como a igreja faria para explicar ao surdo que ele deveria ajudá-los financeiramente. Então para não perder a ajuda econômica dessas famílias, a igreja católica descobriu os monges beneditinos que viviam enclausurados, faziam o “voto do silêncio”, e para não passar o conhecimento dos livros sagrados, criaram uma linguagem gestual. Assim a igreja convidou esses monges para se tornarem educadores desses surdos e iniciar seu processo de educação.

Durante a Idade Moderna, temos:

Bartollo Della Marca d’ Ancora: advogado e escritor do século XIV, faz a primeira alusão à possibilidade de que o surdo possa aprender por meio da língua de sinais ou da língua oral.

Girolamo Cardano (1501 – 1576): médico filósofo que reconhecia a habilidade do surdo para a aprendizagem. Ele utilizava a língua de sinais e escrita para os surdos. Interessou-se pelo estudo do ouvido, nariz e cérebro, porque seu filho era surdo.

Meichor de Yebra (1526-1586): Monge Franciscano de Madrid, foi o primeiro a escrever um livro que descreve e ilustra um alfabeto manual. Ele usava o alfabeto manual para promover entre os surdos a compreensão de matérias espirituais.

Pedro Ponce de León (1520-1584): Monge Beneditino da Onã, estabeleceu na Espanha a primeira escola para surdos em um monastério. Ensinava latim, grego e italiano, conceito de física e astronomia para dois irmãos surdos, Francisco e Pedro Velasco, membros de uma família de aristocratas. León é considerado o primeiro professor de surdos da História, usava como metodologia a datilologia, escrita e oralização.

Juan Pablo Bonet (1579-1623): na Espanha iniciou a educação de surdos com outro membro da família Velasco, Dom Luíz. Ensinava através de sinais, treinamento

da fala e o uso do alfabeto manual. Publicou o primeiro livro sobre a educação de surdos. Defendia o ensino precoce do alfabeto manual aos surdos. Seu método serviu de base para toda a Europa.

George Dalgarno (1626-1687): Intelectual inglês interessado em problemas linguísticos. Era tutor de um homem surdo, e propôs um sistema linguístico para ser usado pelos surdos.

Charles Michel de L'Épée (1712 – 1789): educador francês, conhecido como o “Pai dos Surdos”. Defendia o uso da língua de sinais. Criou a primeira escola pública no mundo para surdos em Paris – Instituto Nacional para Surdos – Mudos, em 1760. Para comprovar a eficácia do seu método, L'Épée fazia demonstrações de seus alunos em praça pública, assim arrecadava dinheiro para continuar seu trabalho. Estas apresentações consistiam em perguntas feitas por escrito aos surdos confirmando que seu método era eficaz.

Durante a Idade Contemporânea temos:

Jean Marc Gaspard Itard (1774-1838): Médico cirurgião e psiquiatra francês. Defendia a sua concepção de que os surdos eram doentes, e que a surdez tinha cura, sendo erradicada mesmo levando os surdos ao sofrimento e até a morte. Para descobrir as causas da surdez Itard realizou várias experiências como:

1. Dissecou cadáveres de surdos;
2. Aplicou cargas elétricas nos ouvidos de surdos;
3. Furou as membranas timpânicas de alunos (um aluno morreu);
4. Fez várias experiências e publicou artigos sobre uma técnica especial para colocar catéteres no ouvido de pessoas com problemas auditivos, tornando-se famoso e dando nome à Sonda de Itard;
5. Fraturou o crânio de alguns alunos;
6. Infeccionou pontos atrás das orelhas deles;
7. Usou sanguessugas dentro dos ouvidos.

Após 16 anos de experiências frustradas de oralização e remediação da surdez, sem conseguir atingir os objetivos. Aceitou o fato de que o surdo só podia ser educado por meio da língua de sinais.

Thomas Hopkins Gallaudet (1787-1851): O reverendo tentou ensinar uma menina surda, Alice Gogswell e para alcançar seu objetivo buscou na Europa, Inglaterra e França métodos de ensino dos surdos (conheceu o surdo Laurent Clerc

que o ajudou no conhecimento de LIBRAS). Também foi ele que fundou a primeira escola permanente para surdos nos Estados Unidos.

Edward Miner Gallaudet (1837-1917): Considerado o pedagogo mais famoso, pois fundou a primeira Universidade Nacional para surdos nos Estados Unidos. A Universidade é uma instituição privada que conta com o apoio direto do congresso desse país.

Em 1880 foi realizado o Congresso de Milão, havia representantes da França, Itália, Grã-Bretanha, EUA, Canadá, Bélgica, Suécia e Rússia. Apenas um surdo participou do Congresso e não teve o direito de votar. Nesse Congresso a língua de sinais foi banida e o oralismo vAluno Surdo 2ou. Suas atas finais configuravam como documentos que nortearam as propostas educacionais para os surdos até aproximadamente 1970.

4.4.2 Fatos Históricos no Brasil sobre a Língua Brasileira de Sinais

O primeiro contato brasileiro com a educação surda ocorreu com **Eduard Huet (1822-1882)**, professor surdo francês com mestrado em Paris. Chega ao Brasil sob aprovação de Dom Pedro II, para abrir uma escola de educação para surdos. De acordo com registros históricos (Reis, 1992); não está claro porque Dom Pedro II estava interessado na fundação da escola. Rocha (1997:53) coloca sobre duas possibilidades: uma seria a possibilidade de a princesa Isabel ter uma criança surda; e a outra teria relação com uma visita do imperador à universidade Gallaudet (EUA) para discutir a fundação de uma escola similar no Brasil.

O fato é que em 1857 fundou-se no Rio de Janeiro a primeira escola para surdos no Brasil, o Instituto Nacional de Educação dos Surdos (INES) em 26 de setembro de 1857. Naquela época os pais traziam os alunos surdos para o Rio, vindos de todas as partes do Brasil, se tornando durante anos um centro de referência para a educação de surdos.

Depois disso, com a ocorrência do Congresso de Milão citado acima, suas atas acabam por nortear as propostas educacionais para os surdos até aproximadamente 1970.

No final da década de 70 chega ao Brasil o método de comunicação total, que é uma proposta educacional cujos critérios básicos se constroem a partir da visão do

surdo como pessoa, em que não se pode isolar uma privação sensorial. Tem como principal preocupação os processos comunicativos entre surdos e surdos e entre surdos e ouvintes, desenvolvido por William Stokoe em 1960. O mesmo faz um estudo linguístico demonstrando que a Língua de Sinais é equivalente as que usam a modalidade oral. Esse estudo foi muito importante, pois foi a partir daí que os surdos começaram a reivindicar a aceitação da Língua de Sinais de maneira mais forte e segura.

Em 1977, um grupo de profissionais ouvintes cria a FENEIDA - (Federação Nacional de Educação e Integração dos Deficientes Auditivos, que implantou seus ideais de reabilitação dos deficientes auditivos e lutou pelos direitos dos surdos.

Em 1981 iniciam-se pesquisas para a sistematização da LIBRAS. 1982 - Lucinda Ferreira Brito inicia seus importantes estudos linguísticos sobre a língua da comunicação sendo Urbano levando em consideração as línguas não urbanas como o Urubu-Kaapor da floresta amazônica brasileira, após um mês de convivência com os mesmos, documentando em filme sua experiência. A idéia para a pesquisa, segundo a própria autora (1993), adveio da leitura de um artigo publicado no livro acima citado de Umiker-Sebeok (1978), de autoria de J. Kakumasu, Urubu SignLanguage. No estudo, a Língua de Sinais dos Urubu-Kaapor se diferenciaria da PSL por constituir um veículo de comunicação intratribal e não como meio de transação comercial. Lucinda Brito, porém, constatou que a mesma se tratava de uma legítima Língua de Sinais dos surdos, pelos mesmos criada. 1982 - Elaboração em equipe de um projeto subsidiado pela ANPOCS e pelo CNPQ intitulado "Levantamento linguístico da Língua de Sinais dos Centros Urbanos Brasileiros (LSCB) e sua aplicação na educação". A partir desta data, diversos estudos linguísticos sobre LIBRAS são efetuados sobre a orientação da linguista L. Brito, principalmente na UFRJ. A problemática da surdez passa a ser alvo de estudos para diversas Dissertações de Mestrado.

Em 1984, foi fundada a CBDS – Confederação Brasileira de Desportos dos Surdos no dia 17 de novembro do mesmo ano. Em 1986, estreou o filme Children of a Lesser God – “Os filhos do Silêncio”, no qual pela primeira vez uma atriz surda norte-americana, Marlee Beth Matlin conquistou o globo de ouro e o Oscar de melhor atriz dramática com 20 anos.

Em 1987, foi fundada a FENEIS – Federação Nacional de educação e Integração dos Surdos, no Rio de Janeiro.

Em 1997 – Closed Caption (acesso à exibição de legenda na televisão) foi iniciado pela primeira vez no Brasil, na emissora Rede Globo.

Em 1999 – foi lançada a primeira revista da Feneis.

Em 2002 – O Presidente da República, Fernando Henrique Cardoso, sancionou a lei que reconhece a língua Brasileira de Sinais como a de comunicação entre surdos. A Língua Brasileira de Sinais teve forte influência da língua de sinais francesa (LSF). A LSF é uma língua mais antiga do que a LIBRAS, com um acervo bibliográfico maior. Porém, a LIBRAS tem características próprias, e está em expansão a partir de sua oficialização em 2002, pela necessidade de incluir novos sinais ao aprendizado da comunidade surda que passa a ter uma maior abertura nas universidades e escolas de educação regular.

Em 2005, através do decreto 5.626, a língua brasileira de sinais foi regulamentada como disciplina curricular. Já em 2007, a estrutura de língua foi aplicada a Libras, já que ela é uma língua natural e possui complexidades próprias e comunicação eficaz.

Em 2006 – inicia o primeiro curso universitário de LETRAS/LIBRAS na modalidade Licenciatura (formação de professores em LIBRAS) da UFSC em Florianópolis e mais nove pólos em outros estados.

Em 2010 foi regulamentada a profissão de Tradutor\ Interprete de Libras, simbolizando mais uma grande conquista.

4.4.3 Historia da Língua Brasileira de Sinais em Santa Catarina

O primeiro professor surdo a trabalhar em sala de aula com alunos surdos em Santa Catarina, foi Francisco Lima Júnior. O educador estudou a língua de sinais na cidade do Rio de Janeiro durante sua infância e adolescência, e proporcionou aos surdos catarinenses uma comunicação em língua de sinais mais aprofundada e abrangente. Ele também divulgou a língua de sinais na comunidade surda, criando espaços culturais e uma identidade para a comunidade surda catarinense.

Historicamente, em 1946, Francisco Lima Júnior , com 18 anos de idade, volta para Florianópolis/SC, e depois de algum tempo passa a procurar por pessoas surdas nas várias cidades do estado de Santa Catarina. (SCHMITT, 2008, p. 104). Ele iniciou a ministrar aulas numa garagem situada à Rua Francisco Tolentino, passando a ser

ali a primeira escola para surdos de Florianópolis. O professor Francisco ensinava desenho, linguagem escrita, vocabulário básico, gramática, geografia, história do Brasil e conhecimentos gerais. Ele trouxe para o estado o modelo de associação já existente no Rio de Janeiro e junto com sua esposa, que era ouvinte, elabora um projeto de escola para surdos.

Concomitante a isso, inicia-se o processo de educação de surdos na rede regular de ensino. Porém, aconteceu que os surdos que estudavam na escola regular juntamente com alunos ouvintes não eram compreendidos em sala de aula, porque o professor falava a língua portuguesa e não havia tradutor-intérprete.

Em 1961, o Governador Celso Ramos atende o presidente da Associação “O Círculo dos Surdos-Mudos de Santa Catarina”, professor Francisco Lima Júnior, acompanhado de outros membros da mesma. Eles pleiteavam a construção de uma escola para surdos-mudos no estado, pois ainda não existia nenhuma. E visto que os ensinamentos de Francisco desenvolviam o domínio da língua de sinais dos surdos na região.

É importante frisar aqui a construção dessa associação de surdos, visto que o surdo procura a intervenção da cultura em que ele vive na língua de sinais. É justamente lá que ele encontra outros surdos e com eles se comunica. Sem contar que é a través desse contato e nos movimentos sociais de surdo que eles conseguem força política para enfrentar os desafios.

Segundo Karin, 2008, entende-se que a comunidade surda de fato não é só sujeitos surdos, há também sujeito ouvinte, membros da família, intérpretes, professores, amigos e outros que participam e compartilham os mesmos interesse em comuns em uma determinada localização.

Neste sentido, dentro de Santa Catarina, vemos que o Francisco teve força de vontade para estudar no INES. E sendo uma pessoa boa, abraça a responsabilidade de fundar a Associação de surdos. A trajetória de vida desde a infância marca e registra que Francisco procurou contato com o povo surdo do interior, e divulgando e se especializando na língua de sinais busca maior valorização da cultura surda. (SCHMITT, 2008, p. 105).

5- METODOLOGIA

Pela natureza dos objetivos, a pesquisa realizada configura-se como exploratória, de cunho qualitativo.

Para tanto, o presente estudo foi realizado nas escolas da rede municipal e estadual de ensino do município de Araranguá. Segundo o Censo Escolar de 2013 há aproximadamente 3023 estudantes nos anos finais do ensino fundamental e 2898 estudantes no ensino médio frequentando as 53 escolas do município, porém, não é possível identificar segundo o mesmo quantos desses alunos possuem deficiência auditiva. A primeira parte da pesquisa consiste em verificar quantas dessas 53 escolas atendem alunos surdos, desses, selecionar os que frequentam os anos finais do ensino médio (pois são nesses anos que aparecem os conteúdos de física).

A partir daí, observou-se a dinâmica da sala de aula, numa espécie de estágio de observação e observar com o auxílio dos questionários (em forma de entrevista) do Anexo I com os professores, intérpretes, alunos-surdos e alunos ouvintes, os seguintes pontos: a interação do professor com aluno surdo; interação professor/interprete; interação interprete/aluno surdo; interação aluno ouvinte/aluno surdo; ainda, observar o interesse do surdo nas disciplinas e quais são as que ele mais se identifica; notar se a aula está voltada também para o aluno surdo; e mais, se o professor mostra planejamento da aula previamente ao interprete; se o mesmo preocupa-se com o aprendizado do aluno surdo; se o professor faz com que o aluno surdo interaja com a matéria e com os colegas.

Por fim, transcreveu-se as entrevistas, e juntamente com o que foi observado em sala de aula, faremos uma análise dos resultados e alguns ponderamentos, se possível.

6- ANÁLISE DE PESQUISA DE CAMPO

A seguir será apresentado os resultados das entrevistas feita na escola do município de Araranguá, onde discutiremos pontos relevantes desta pesquisa.

6.1 Alunos Ouvinte x Intérprete

Ao fazermos as entrevistas com os alunos ouvintes, cujas transcrições aparecem no Anexo I, percebemos que o convívio entre os mesmos e o intérprete nas salas de aulas se dá de maneira natural. Havendo uma boa interação, sem atrapalhar a dinâmica comum de uma sala de aula, ou seja, o intérprete não é visto como alguém que atrapalha ou influi na dispersão da turma. Além disso, os alunos ouvintes também entendem o que é a língua brasileira dos sinais, compreendendo assim as diversas formas de comunicação e respeitando as diferenças entre surdo e ouvinte. Os mesmos também manifestam vontade de aprendê-la, como podemos ver nas seguintes frases colocadas por alguns alunos:

“ainda prestamos atenção na interprete e na aula, para aprender algo a mais.” “... a gente não tem nenhuma disciplina de libras, aprendemos na pratica, aprende olhando”

Esse aprendizado dar-se-á de duas formas distintas, prestando atenção no intérprete dentro de sala de aula, buscando reconhecer alguns sinais, ou então, em raros momentos exclusivos de formação, que ocorrem quando os intérpretes da escola conseguem elaborar e ministrar pequenos cursos, aumentando assim seu vocabulário e conseqüentemente, melhorando sua interação e socialização com o colega surdo.

6.2 Professores x Intérprete

A relação entre o professor e o intérprete se mostrou muito comunicativa e preocupada com a aprendizagem do aluno surdo em alguns pontos. Destacamos principalmente a relação deles fora de sala de aula, pois os mesmos, sempre que aparece algum tempo livre dentro da escola, geralmente nos intervalos, conversam informalmente sobre as dificuldades do aluno surdo, sobre os conteúdos a serem

ministrados e o quanto de dúvidas os novos conceitos físicos podem gerar no processo exposição – interpretação – assimilação.

Porém, essa preocupação não surge nos momentos formais, como a preparação das aulas. Segundo o professor:

“Depende muito do intérprete, tem intérprete que tem esse interesse e tem intérprete que não tem muito interesse, mas eu não vejo isso como um grande prejuízo, entendeu, mas em geral não os intérprete não tem esse interesse de saber o conteúdo com antecedência.”

Pois neste momento em que poderia haver a organização de um ambiente diferenciado, de estratégias diferenciadas, pensadas para o aluno surdo, nos foi exposto pelos professores que não há essa preocupação, sendo a preparação das aulas elaborada de maneira generalista, sem a percepção de que há um aluno surdo em sala, e sem a participação do intérprete como vemos abaixo:

“No meu planejamento de aula eu planejo a aula como se fosse para qualquer turma não faço nenhuma diferenciação ai dentro da sala de aula, muitas vezes a única diferença que eu noto que tem aluno surdo”

Do mesmo modo, fica evidenciado nas entrevistas com os intérpretes que os mesmos não têm essa iniciativa de procurar o professor para participar de seu planejamento formal. Conforme trazemos abaixo:

“Não ele não mostra e eu também não peço, né, porque eu tenho uma interação muito boa com o Professor 1 que é o professor de física do Aluno Surdo 1 e a gente conversa fora da sala de aula, a gente conversa na hora do recreio, a gente está sempre trocando ideias sobre isso né, sobre tradução interpretação, como que é como que não é, pelo convívio também que o professor 1 já teve dentro do próprio IFSC com surdos, com a libras, o fato de ele ter morado com um de seus professores de libras, que também facilita bastante o entendimento dele para este tipo de coisa, então não sinto dificuldade por exemplo de ele começar a falar e eu já interpretar por que eu sei que qualquer coisa eu chamo ele de lado ele vai me explicar eu vou passar para o aluno surdo, então para a maioria dos professores eu tenho essa facilidade, um ou outro que se torna um pouco mais difícil”.

“Deveria, esse ano não, logo no início já entramos em greve, poucos professores entregaram os seus planos, ano passado conseguimos pegar todos os planejamentos, mas assim, era pra acontecer isso, mas não acontece, já vai dando os conteúdos, eu já vou indo atrás sabe, geralmente está acontecendo isso sabe”.

E assim o intérprete por muitas vezes acaba transliterando a aula do professor, praticamente um “se vira nos trinta”, o que pode prejudicar o processo de ensino-aprendizagem, também destacamos que o excesso de aulas, de disciplinas, acaba que dificultando essa comunicação entre professor e intérprete, pois suas horas

dentro da escola acabam sendo exclusivamente dedicadas para ministrar suas aulas, no caso do professor, e para interpretar, no caso do intérprete, deixando de lado a preparação específica para alunos surdos e a busca por novas formas, metodologias, que facilitem o processo de interpretação, principalmente quando tratamos da Física, com seus conceitos complexos e suas fórmulas.

Vemos que a comunicação entre professor e intérprete é de extrema importância para a aprendizagem de seus alunos surdos, isso mostra que uma boa preparação entre os mesmos pode facilitar o processo de ensino-aprendizagem do aluno surdo.

6.3 Alunos Ouvinte x Aluno Surdo

Percebemos que os alunos ouvintes não veem o colega surdo como alguém que atrapalha as aulas ou o processo de ensino-aprendizagem, muito pelo contrário, a maioria se mostrou natural quanto a presença do mesmo, considerando-o como um estudante qualquer, embora suas especificidades, e tratando-o da mesma forma que qualquer outro aluno, seja no montar de um grupo para elaborar trabalhos de disciplinas, nas brincadeiras e conversas de intervalo de aula, participando de atividades diversas, conforme destacamos na fala de um dos alunos:

“Ao mesmo tempo em que é muito legal e muito angustiante também, por que tão próximo, tão distante, dê a dificuldade, sempre os incluímos tentamos conversar ao máximo”.

A grande angústia deles se dá principalmente no processo de comunicação, quer seja pela falta de conhecimento de LIBRAS, pela dificuldade em gravar os sinais, entre outros, o que acaba restringindo muitas das trocas mais simples como “bom dia”, “oi”, “tudo bem? ”, “desculpa”, “obrigado”. Neste ponto, vemos que alguns dos estudantes manifestaram interesse em cursar LIBRAS, para facilitar essa vivência.

6.4 Intérpretes x Aluno surdo

Iniciamos salientando que todos os intérpretes que atuam na escola tiveram sua formação em libras através de cursos de curta duração nos mais diferenciados níveis (básico – intermediário – avançado), inclusive um deles possui especialização na área pelo IFSC – câmpus Palhoça Bilíngue, porém, nenhum deles possui graduação na área.

As estratégias de ensino apresentadas por elas são as mais diferenciadas possíveis, desde a interpretação “pura”, passando pelo uso de imagens e vídeos. De acordo com a intérprete:

“Muitas coisas de como o professor passa eu vou ter que mudar e mostrar para ele usando imagens se tiver algum filme pra passar agente também procura passar como o surdo e muito visual dai a importância da imagem do auxílio da imagem também para o aluno fazer um entendimento melhor dos conteúdos então a gente sempre acaba adaptando alguma coisa, e modificando pra ajudar no entendimento do aluno pro ex. quando eu sinto que a aluna esta muito agitada eu vou lá para o SAED na frente do computador e lá com o computador eu mostro alguns conceitos pra ela e são conceitos não só conceitos mais específicos das disciplinas dos conteúdos, conceitos de vida mesmo coisas que ela precisa saber tipo o que que e respeito, responsabilidade são conceitos que muitos alunos surdos eles não tem essa noção”

Quando verificam que não estão conseguindo atingir o aluno, as mesmas não tem receio em chamar o professor e pedir que eles expliquem novamente. Neste processo, elas buscam modificar, adaptar e melhorar a interpretação já feita. Em termos da interpretação das aulas de física, foi comentado que o uso de uma quantidade significativa de exemplos favorece o processo. Por exemplo, empurrar uma cadeira para representar força, como o aluno surdo é muito visual, isso contribui muito para seu aprendizado.

Ao mesmo tempo, foi exposta a dificuldade em interpretar cálculos, por se tratarem de números e fórmulas. Nestes momentos os intérpretes procuram trabalhar em pé, como uma sombra do professor, fazendo com que o aluno surdo preste atenção tanto na interpretação quanto no quadro, porém, nem sempre esta estratégia dá certo, pois os surdos atendidos pelas intérpretes da escola apresentam dificuldades em resoluções de cálculos.

Um outro ponto de destaque é a relação entre o intérprete e o aluno surdo, ela se mostrou de extrema confiança, principalmente porque o surdo depende do intérprete para praticamente tudo dentro do ambiente escolar. Mesmo com as dificuldades inerentes do processo de interpretação, o intérprete demonstra muita vontade em ser um facilitador do processo de ensino.

Por fim, fica evidente na fala dos intérpretes que há pouco material didático disponível para auxiliar este processo, e os que estão disponíveis, são pouco divulgados na rede. Segundo a intérprete:

“usar as imagens, são matérias que tu consegue usar bastante imagem né, consegue explicar eletricidade usando imagem pra explicar como

e que é usa exemplo dentro da sala de aula pra explicar como e que acontece, se torna um pouco não fácil um pouco menos desgastante, por já ter algum material neste sentido, agora se tu for procura material de tradução de historia, física, português, nestas outras disciplina tu encontra um pouco mais de dificuldade pra encontra esse sinais, então agente tem que adaptar algumas coisas”.

Outra questão que contribui para esta dificuldade é o fato de não terem acesso ao planejamento prévio do professor e o tempo necessário para que haja a interação devida entre professor e intérprete.

6.5 Professores x Aluno Surdo

Os professores de física que trabalham com alunos surdos na escola possuem apenas um curso básico de Libras, sendo que um deles o fez durante a graduação e o outro um curso rápido, o que, segundo eles, é extremamente insuficiente para trabalhar com um aluno surdo. Além disso, ficou claro nas entrevistas que a escola não incentiva os mesmos a buscar essa formação, o que acaba contribuindo para o despreparo da escola e dos professores para receber e trabalhar com o aluno surdo, como podemos ver em citação abaixo:

“Olha não! Não ate onde eu saiba não, eu nunca tive incentivo para isso, na verdade eu numa tive sentido nenhum para nada, em geral a escola não da um grande incentivo para tu fazer uma formação, a única coisa que a escola realmente incentiva e que se tente cumprir a quantidade de cursos pra poder fazer uma progressão.”

Neste sentido, o planejamento das aulas acaba deficitário, pois na maioria das vezes, ele é elaborado sem considerar a presença do aluno surdo, o que em certo sentido poderia ser considerado bom por não haver distinção entre surdo e ouvinte, porém, o aluno surdo só se torna igual a um aluno ouvinte com a existência de um interprete e um planejamento adaptado as suas especificidades, respeitando sua língua e cultura.

Logo, este planejamento, quando não elaborado conjuntamente por professor e intérprete afeta a aprendizagem do aluno surdo. Como coloca Vargas, apud Strobel (2009):

“A inclusão [...] é ser respeitado nas suas diferenças e não ter de submeter a uma cultura, a uma forma de aprender, a uma língua que não é a sua”.

Um outro ponto que cabe salientar, é que com a falta de domínio da LIBRAS por parte dos professores, a relação professor-aluno acaba distorcida, cabendo ao

intérprete a função de ser um intermediário em qualquer ação entre professor e aluno.

Segundo o professor:

“Na verdade sempre com o interprete, eu não consigo nem me comunicar diretamente com o aluno surdo.”

Sendo assim, até mesmo em questões básicas de sala de aula, como quando o professor faz a tradicional pergunta “entenderam?”, ele acaba esperando uma resposta do intérprete ao invés do aluno.

Por outro lado, não podemos desconsiderar todo o processo que envolve o professor dentro da escola, sua quantidade de aulas, o tempo escasso para ir em busca de uma capacitação, e sua vontade em realmente incluir o surdo no processo de ensino-aprendizagem. Logo, os mesmos tentam suprir sua falta de conhecimento com conversas fora de sala com o intérprete, levando a aula num ritmo diferenciado, entre outros.

7- CONCLUSÃO

Perante esta pesquisa, nos foi mostrado que professores, intérpretes e alunos ouvintes buscam a melhor forma de socialização com o aluno surdo, mesmo havendo dificuldade de comunicação. Os alunos tentam se comunicar como podem, não deixando de incluir seu colega surdo em trabalhos, atividades e jogos, a ponto de, em determinadas situações, ao observador de fora, não distinguir o surdo dos ouvintes. Visto isso, quando pensamos na inclusão do surdo no ambiente escolar, no sentido da relação com os colegas, podemos perceber que o mesmo está inserido no contexto e se considera parte, mesmo que hajam os problemas de comunicação inerentes da falta de domínio por parte dos ouvintes dos sinais da LIBRAS.

Neste sentido, observamos que os alunos procuram durante as aulas, prestar atenção em alguns sinais, ou ainda, pedem para o intérprete lhes ensinar. Foi comentado também que em determinados momentos houve cursos de libras para os alunos, mas há muito já não ocorre mais.

Observamos ainda que professores e intérpretes estão sempre em busca do melhor para o aluno surdo, promovem essa preocupação conversando fora da aula, nos intervalos, procurando a melhor forma de ensino-aprendizagem, caminhando no sentido de criar um ambiente diferenciado para o aluno surdo. Porém, a falta de tempo (no caso do intérprete, que passa todo o período em sala de aula interpretando) e o excesso de aulas por parte do professor, acaba influenciando nos espaços formais de preparação de aula, tornando o processo deficitário. Outros fatores que acabam influenciando nesse processo deficitário é a falta, ou desconhecimento por parte de professores e intérpretes, de materiais didáticos para a prática com o aluno surdo.

Por fim, vimos que ainda há um grande problema tanto na formação do professor quanto do intérprete. Em relação aos professores, embora haja a disciplina de Libras na grade curricular dos cursos atuais de Licenciatura, temos muitos professores advindos de grades antigas, onde não tiveram nenhum contato com a mesma. Assim, ao se deparar com um aluno surdo em sala, a menos que tenham procurado alguma formação extra, se encontram completamente perdidos e sem capacidade de se comunicar o básico com seu aluno. Ainda, mesmo aqueles que cursaram a disciplina em sua graduação, não se sentem preparados para receber esse aluno.

Quanto a formação do intérprete, observamos que eles possuem formações diferenciadas, a maioria em cursos de Libras ofertados pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina. Nesse ponto, podemos notar que por interpretarem em todas as disciplinas ofertadas no ensino médio, eles acabam por não conseguir se preparar direito para cada área em particular. No que tange o ensino de Física, foi comentado dos problemas em explicar os conceitos e trabalhar com algumas fórmulas. Como já citado acima, a falta/ desconhecimento de material especializado pra área também corrobora essa preparação incompleta.

Logo, por mais que existam leis garantindo o ingresso do aluno surdo, e outras que inserem a libras como componente curricular obrigatória, é evidente que falta investimento em políticas públicas capazes de inserir realmente este aluno na escola regular com profissionais preparados para recebê-los.

8- REFERÊNCIAS

QUADROS R. M. **O tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa.** Brasília: MEC ; SEESP, 2004. 94 p. : il.

SANTA CATARINA. Secretaria de Estado da Educação. Fundação Catarinense de Educação Especial. **Programa Pedagógico.** São Jose: FCEE, 2007.

GESSER, Audrei. **LIBRAS? Que língua é essa?** 1.ed. São Paulo, 2009.

HONORA, Márcia. **Livro Ilustrado de Língua Brasileira de Sinais: Desvendando a comunicação usada pela pessoa com surdez.** São Paulo, 2009.

BRASIL, Ministério da Educação do Estado de Santa Catarina, **Programa de Educação Especial do Estado de Santa Catarina: proposta/Coordenador Sergio Otavio Bassetti.** São Jose, 2006.

BRASIL, Ministério da Educação do Estado de Santa Catarina, **Programa Pedagógico de Educação Especial do Estado de Santa Catarina: Coordenador Sergio Otavio Bassetti.** São Jose, 2007.

BRASIL. DECRETO Nº 5.626, DE 22 DE DEZEMBRO DE 2005. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm> Acesso em: 15 mar. 2014.

BRASIL. LEI Nº 10.436, DE 24 DE ABRIL DE 2002. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2002/L10436.htm > Acesso em: 15 mar. 2014.

SCHMITT, Deonísio. **A HISTÓRIA DA LÍNGUA DE SINAIS EM SANTA CATARINA: Contextos sócio-históricos e sociolinguísticos de surdos de 1946 a 2010.** 2013, 208 f. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós- Graduação em Linguística. Florianópolis, 2013.

BRASIL. LEI Nº 10.098, DE 19 DE DEZEMBRO DE 2000. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L10098.htm#art18 > Acesso em: 15 mar. 2014.

VELOSO, Éden; MAIA FILHO, Valdeci. **APRENDA LIBRAS COM EFICIÊNCIA E RAPIDEZ.** Curitiba/ PB, Mãos Sinais, Vol. 1 e 2, 2009.

STROBEL, Karin. **AS IMAGENS DO OUTRO SOBRE A CULTURA SURDA.** 2. ed. rev. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2009.

STROBEL, L.K. **SURDOS: VESTÍGIOS CULTURAIS NÃO REGISTRADOS NA HISTÓRIA.** Florianópolis 2008.

FERREIRA, Juliana; VIEIRA: Rafaella Souza e CAMARGO, Sabrina Vila. **INCLUSÃO DO SURDO NO ENSINO REGULAR E NA SOCIEDADE: UM**

RESGATE HISTÓRICO. ESAP – Instituto de Estudos Avançados e Pós-graduação e UNIVALE – Faculdades Integradas do Vale do Ivaí. Monografia de curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Educação Especial: LIBRAS. Peabiru – Pr. 2012. Disponível em: <<http://www.webartigos.com/artigos/inclusao-do-surdo-no-ensino-regular-e-na-sociedade-um-resgate-historico/119443/#ixzz42FGTRRT1>> Acesso em: 10 ago. 2015.

WALLIS, Lars. **OS SURDOS E O BILINGÜISMO.** Rio de Janeiro, Boletim 5, Geles – grupo de estudos sobre linguagem, educação e surdez, UFRJ, 1990.

LIBRAS: SINAIS DE INCLUSÃO. Alfenas: Unifenas, 2009. Disponível em: <<Http://www.unifenas.br/extensao/cartilha/CartilhaLibras.pdf> > Acesso em: 15 mar. 2014.

BRASIL. LEI DE DIRETRIZES E BASES - LDB 9394/96. Disponível em: <<http://prezi.com/wndrlpp73atk/lei-de-diretrizes-e-bases-ldb-939496/> > Acesso em: mar. 2014.

PORTAL EDUCAÇÃO. COMUNICAÇÃO TOTAL NA EDUCAÇÃO ESPECIAL. 19 fev. 2013. Disponível em: <<http://www.portaleducacao.com.br/fonoaudiologia/artigos/33844/comunicacao-total-na-educacao-especial#ixzz3j1I8Z1iM>> Acesso em: ago. 2015.

QUADROS, R. M. de. **O BI DO BILINGÜISMO NA EDUCAÇÃO DE SURDOS IN: SURDEZ E BILINGÜISMO.** 1 ed. Porto Alegre : Editora Mediação, 2005, v.1, p. 26-36.

9- Anexo 1 – Roteiros de Entrevista

Entrevista Professor:

1. Nome do professor?
2. Você possui alguma formação em libras para atender seu aluno surdo?
3. Você sente dificuldade para atender este aluno?
4. A escola busca dar apoio a este tipo de situação?
5. Existem materiais diferenciados para este aluno?
6. Quanto a presença do intérprete, você se sente incomodado?
7. Qual a sua opinião em relação a inclusão dos alunos surdos no ensino regular?
8. Você planeja a aula visando o aluno surdo (como, e porque)?
9. Você tenta interagir com o mesmo em suas aulas: (como e quais dificuldades)?
10. O intérprete tem interesse em saber com antecedência o planejamento da aula antes dela ser ministrada? Com que frequência? Como se dá essa relação?
11. Como é feita esta avaliação deste aluno?
12. Você percebe se ele entende o que está sendo passado no quadro?
13. Ter um aluno surdo muda o ritmo da aula? Porque?
14. A escola incentiva a fazer curso de capacitação voltado a educação especial?

Entrevista Intérprete:

1. Quais os tipos de curso você fez para ser intérprete?
2. Em quais matérias você atua como intérprete?
3. Você tem dificuldade em traduzir a aula do professor? acaba mudando algo para passar para o aluno?
4. Qual a dinâmica que você utiliza no processo de interpretação?
5. Como se dá a tradução dos conteúdos de física? São os mais difíceis?
6. O professor se comunica com você antes de ministrar as aulas? Mostra o seu planejamento?
7. Na sua opinião, o aluno surdo está incluído socialmente?
8. E em relação a aprendizagem, você acha que ele é incluído? Porque?

Entrevista Aluno surdo:

1. Nome: idade:
2. Você gosta de estudar nesta escola?
3. Você estuda em outra escola de especialização?
4. Você trabalha, onde e quantas horas?
5. Qual matéria você mais gosta?
6. Qual matéria você acha mais difícil?
7. Porque você acha esta matéria difícil?
8. Tem alguma matéria que você consegue acompanhar sem o interprete? Qual?
9. Você gosta de aula de física?
10. Consegue acompanhar o professor de física em aula?
11. O que você gostaria que tivesse na aula de física para ficar melhor?
12. Você acha que aprendeu os conteúdos?

Entrevista Aluno ouvinte:

1. Vocês conversam com seu colega surdo?
2. Quais as dificuldades?
3. Mesmo ele sendo surdo você convida ele para interagir, e fazer trabalhos em sala de aula?
4. O Intérprete ensinou para vocês algo de libras para poderem interagir com o colega?
5. Vocês acham que o interprete atrapalha o aprendizado de vocês?
6. Vocês acham que o interprete os distrai, atrapalhando a aula?
7. O que vocês acham de ter um colega surdo estudando com vocês;

Anexo 2 – Entrevistas:

Entrevista Professor 1:

1- Nome do professor?

R: Professor 1.

2- Você possui alguma formação em libras para atender seu aluno surdo?

R: A questão é a seguinte, na licenciatura a gente tem a disciplina de libras, mas só que esta disciplina ela não é suficiente para que faça que a gente entenda realmente o que o aluno está querendo te dizer, infelizmente dentro da sala de aula com o professor titular tu não tem nenhuma comunicação com o aluno diretamente sempre tem comunicação com o aluno através do intérprete que é que acontece e que às vezes pode ser falta de interesse do professor por mais que eu tenha feito curso já de libras, mas como eu não me pratiquei não me lembra de grande parte dos conceitos e aí infelizmente isso me impede de ter qualquer comunicação direta com o aluno.

3- Você sente dificuldade para atender este aluno?

R: Com certeza, se não tiver intérprete na sala não tem condição nenhuma de atender o aluno.

4- A escola busca dar apoio a este tipo de situação?

R: O apoio que a escola nos dá pelo menos para o professor titular e ter intérprete na sala de aula o tempo todo para fazer este papel de intermediadora.

5- Existem materiais diferenciados para este aluno?

R: Então que pode falar pouquinho melhor sobre isso e a intérprete mesmo, eu não tenho conhecimento mas até onde eu saiba o que acontece eu passo os meus conteúdos dentro da sala como em qualquer outra sala de aula, mesmo tendo o aluno diferenciado aí o intérprete faz esse trabalho de construir o material diferenciado, específico para o aluno para que o aluno consiga acompanhar ou alcançar esse conteúdo de uma melhor forma principalmente na disciplina de física já que agente sabe que envolve muitos cálculos e as vezes você precisa adaptar a situação pro aluno aí e nos professores titulares nós não temos uma formação específica mesmo que tivemos uma disciplina de libras essa disciplina ela só dá algumas direções no caso para a gente tentar entender algumas situações da linguagem mas ela não dá suporte para construir material específico para esse aluno, agente não tem uma visão para construir um material para um aluno especial.

6- Quanto à presença do intérprete, você se sente incomodado?

R: Nem um pouco na verdade acho que a interprete ajuda bastante tanto com aluno surdo quanto com os alunos ouvintes, pelo menos eu percebo muito isso e que a presença da interprete ela e muito positiva nas salas de aula por que é querendo ou não a interprete por passar todo o tempo junto com restantes dos alunos ela acaba criando um vinculo com a turma e ti ajuda quando você tem situações adversas.

7- Qual a sua opinião em relação a inclusão dos alunos surdos no ensino regular?

R: Eu acho o seguinte eu acho muito positivo tu colocar um aluno surdo junto com outros alunos pra que esse aluno não se sinta excluído como acontecia antigamente você separava esse aluno dos outros e ai acredita que pelo menos eu me sentiria muito excluído se tivesse nesse papel, mas infelizmente agente enfrenta sérios problemas os professores não estão preparados para esse tipo de aluno agente tem interprete que faz todo esse papel mas só que querendo ou não agente ainda e um grande faz de conta então a gente faz de conta que esta tudo certo e o aluno faz de conta que esta aprendendo muita coisa na maioria das vezes o aluno faz de conta que esta aprendendo todas as situações e agente vai levando dessa maneira eu acho que foi um grande passo agente introduzir o aluno surdo junto com os outros alunos mas agente esta muito atrás do que deveria ser.

8- Você planeja a aula visando o aluno surdo (como, e porquê)?

R: Não, no meu planejamento de aula eu planejo a aula como se fosse para qualquer turma não faço nenhuma diferenciação ai dentro da sala de aula muitas vezes a única diferença que eu noto que tem aluno surdo e que as vezes eu tento ir um pouco mais devagar dependendo da situação para que o interprete tenha possibilidade de conseguir interpretar aquela situação. Que na verdade agente tem que levar em consideração pelo menos eu tenho essa consideração de que o interprete ele não faz uma tradução do que tu estas falando na verdade ele tem que contextualizar aquele assunto para o aluno e às vezes isso leva um pouco mais tempo do que estais falando, principalmente que eu fala muito rápido isso dificulta muito para o interprete.

9- Você tenta interagir com o mesmo em suas aulas: (como e quais dificuldades)?

R: Na verdade sempre com o interprete, eu não consigo nem se comunicar diretamente com o aluno surdo.

10- O interprete tem interesse em saber com antecedência o planejamento da aula antes dela ser ministrada? Com que frequência? Como se dá essa relação?

R: Depende muito do interprete, tem interprete que tem esse interesse e tem interprete que não tem muito interesse, mas eu não vejo isso como um grande prejuízo entendeu mas em geral não os interprete não tem esse interesse de saber o conteúdo com antecedência.

11- Como e feita esta avaliação deste aluno?

R: Isso depende do aluno a gente tem que tratar que cada aluno na minha visão, cada aluno especial ele e único então eu geralmente tento aplicar as mesmas avaliações que eu aplico com os outros alunos, mas só que assim em geral as minhas avaliações não são muito grandes então isso e o que mais dificulta para o aluno surdo que você tem uma avaliação que ele e sentença por que não do tempo de interpretar e fazer ao mesmo tempo, mas como as minhas avaliações são um pouco mais curtas eu tento aplicar as mesmas avaliações nem sempre isso e possível mas quando isso não e possível isso fica a cargo da interprete obviamente mais coisas a fazer fica a cargo da interprete preparar uma avaliação especial para aquele aluno já que ela tem um a formação especifica pra atender esse aluno e a gente não.

12- Você percebe se ele entende o que esta sendo passado no quadro?

R: Em geral não, como tu não entende a linguagem, tu não tem como saber se ela esta passando a informação correta ou não, mas como a gente tem ótimas interpretes em geral os alunos conseguem compreender os conteúdos, pelo menos a parte teórica.

13- Ter um aluno surdo muda o ritmo da aula? Por quê?

R: Às vezes sim, não e que muda o ritmo da aula o que acontece e que as vezes eu tento falar um pouco mas devagar, só porque eu fala muito rápido mesmo, então os alunos, teoricamente regulares eles já sentem dificuldades porque eu falo muito rápido.

14- A escola incentiva a fazer curso de capacitação voltado a educação especial?

R: Olha não! Não ate onde eu saiba não, eu nunca tive incentivo para isso, na verdade eu numa tive sentido nenhum para nada, em geral a escola não da um grande incentivo para tu fazer uma formação, a única coisa que a escola realmente incentiva e que se tente cumprir a quantidade de cursos pra poder fazer uma progressão, não sei se tu sabes, mas nos temos um plano de carreira, ai neste plano de carreira a cada 3 anos você progride neste plano só que você tem que ter 200 horas de cursos de capacitação, então a escola tenta incentiva você consiga alcançar essas 200 horas de cursos, mas a partir disso você não tem muito incentivo de formação entendeu.

Entrevista Professor 2

1- Nome do professor?

R: Professor 2.

2- Você possui alguma formação em libras para atender seu aluno surdo?

R: Não eu só fiz um curso muito rápido, só para ter uma base mais ou menos.

3- Você sente dificuldade para atender este aluno?

R: Muitas dificuldades, por que a gente não sabe como explicar, ai tu aponta ali, ai fica difícil.

4- A escola busca dar apoio a este tipo de situação?

R: Tem os professores de libras, não, a uns anos atrás quando eu fiz o curso foi através da escola, que eu acho que devia haver novamente pra escola por que todos os professores e para os alunos também, esse meu aluno desse ano ele entende a leitura labial então ele consegue conversar com os amigos, que esta do lado mas os outros alunos era muito difícil.

5- Existem materiais diferenciados para este aluno?

R: Não.

6- Quanto a presença do intérprete, você se sente incomodado?

R: Não, me sentiria perdida sem ele, acho que e muito importante.

7- Qual a sua opinião em relação a inclusão dos alunos surdos no ensino regular?

R: Acho que e muito interessante tanto e que a gente percebe que ele se sente assim incluído que se sente bem principalmente no recreio, esse mesmo e toda vida alegre e todos os alunos que tiveram aqui eles sempre tiveram uma boa socialização com os outros colegas.

8- Você planeja a aluna visando o aluno surdo (como, e porque)?

R: Olha e difícil agente ate tenta eu ate tento assim chamar a tenção dele para ele olhar para mim mas ai agente começa a explicar a interprete precisa ajudar.

9- Você tenta interagir com o mesmo em suas aulas: (como e quais dificuldades)?

R: As dificuldades e ele me entender, o máximo e ele fazer ele entre e prestar a atenção.

10- O interprete tem interesse em saber com antecedência o planejamento da aula antes dela ser ministrada? Com que frequência ? Como se dá essa relação?

R: Não ele não procura, ele só traduz.

11- Como e feita esta avaliação deste aluno?

R: Ele e diferenciada, eu faço a avaliação da disciplina depois ele faz no modo geral no conselho de classe, ai ela fala no conselho de classe, ai a gente deixa a nota em aberto por que no conselho de classe ai e feito com todos os professores diferenciados, a avaliação e igual para todos só que ela ajuda e usa o caderno.

12-Você percebe se ele entende o que esta sendo passado no quadro?

R: Ele diz que sim.

13-Ter um aluno surdo muda o ritmo da aula? Por que?

R: Muda por que agente para um pouquinho pra ver se ele esta acompanhando a turma, ou você precisa mudar alguma coisa por causa da interprete se ela não esta entendendo por que não são todas ainda mais que e física que e diferente de outra disciplina, fica diferente então temos que dar uma paradinha pra ver se ela consegue.

14-A escola incentiva a fazer curso de capacitação voltado a educação especial?

R: Olha muito difícil não, não tem curso.

Entrevista Intérprete 1

1-Quais os tipos de curso você fez para ser intérprete?

R: Na verdade assim, eu trabalhava antes no comércio de Araranguá eu atendia pessoas surdas então ne surgiu a curiosidade de inicia um curso de libras pra facilitar comunicação com esses clientes, no decorrer do curso que eu fiz 3 anos de libras no instituto federal, no decorrer do curso eu fui sentindo a necessidade de me aprofundar na educação especial, então eu comecei a fazer a faculdade de pedagogia já tinha a formação em história, e comecei a fazer a pedagogia, na verdade os cursos de libras aqui em Araranguá surgiram a pouco tempo que trouxe foi o Ramon Cunha que ele era intérprete também no instituto federal e foi com ele que eu comecei a fazer em 2010 o curso com ele então quando eu iniciei o curso com o Ramon que ele era o intérprete do curso e o professor surdo era o Erlon que era bem conhecido aqui em Araranguá também, eles me deram a ideia de eu me inscrever para act e trabalhar com aluno surdo em sala de aula, eu fiquei meio assim porque eu já tinha emprego, ne eu fiquei ne ba ter que ir para sala de aula e tal mas eu fiz a prova e fiquei classificada em primeiro lugar, dai eu comecei a trabalhar com surdo em 2012 que foi meu primeiro ano nesta escola onde estou ate hoje e dali para frente me encontrei na minha profissão já dei aula no colégio estadual na UFSC também, fiz cursos pela UFSC também interpretei 2 anos lá e fiz cursos de capacitação na UFSC de

Florianópolis também então um caso foi no IFSC os 3 anos de libras cursos que acontecia semestralmente por sorteio eletrônico onde eu dei sorte todo semestre ser sorteada pra fazer o curso.

2-Em quais matérias você atua como intérprete?

R: Todas do ensino médio matemática, física, química, biologia... No caso do Aluno Surdo 1 que e do 3º05 a língua espanhola, mas o aluno da noite já é língua inglesa, artes, todas as disciplinas do currículo do ensino médio.

3-Você tem dificuldade em traduzir a aula do professor? Acaba mudando algo para passar para o aluno?

R: Muda tem que se adaptar bastante coisa, por exemplo, gravidade muitas coisas de como o professor passa eu vou ter que mudar e mostrar para ele usando imagens se tiver algum filme pra passar agente também procura passar como o surdo e muito visual dai a importância da imagem do auxílio da imagem também para o aluno fazer um entendimento melhor dos conteúdos então a gente sempre acaba adaptando alguma coisa, e modificando pra ajudar no entendimento do aluno pro ex. quando eu sinto que a aluna está muito agitada eu vou lá para o SAED na frente do computador e lá com o computador eu mostro alguns conceitos pra ela e são conceitos não só conceitos mais específicos das disciplinas dos conteúdos, conceitos de vida mesmo coisas que ela precisa saber tipo o que que é respeito, responsabilidade são conceitos que muitos alunos surdos eles não tem essa noção né e como tu como intérprete, claro que se tu tem aquela noção assim que vai um pouco além da tua profissão, porque a minha função aqui e só intérprete então eu não precisaria estar explicando este tipo de coisa para o Aluno Surdo 1 mas e uma coisa que ao mesmo tempo tu fica como pessoa ser humano tu fica se sentindo na responsabilidade de explicar algumas coisas a mais sobre como que e a vida sobre como que vai ser como não vai ser pra ela poder se defender de uma maneira melhor o que vir acontecer, porque falando mais especificamente da minha aluna Aluno Surdo 1 ela mora só com a vó, a avó ela e analfabeta ela não lê, não escreve ,ela muito menos sabe a língua de sinais, então ela fala gritando com a Aluno Surdo 1, então neste esforço a Aluno Surdo 1 ela tenta fazer leitura labial, ela consegue nas e muitos difícil porque ele usa língua de sinais, ela foi alfabetizada com a língua de sinais, então agente sempre tenta adaptar alguma coisa dentro dos conteúdos da escola, e difícil não e um trabalho fácil principalmente, por exemplo na parte de física, matemática, como e muito visual também muitas fórmulas ela consegue assimilar um pouco melhor, quando chega à parte filosofia,

sociologia, história que e muito texto muitas palavras que ela não tem muita compreensão daí se torna um pouco mais árduo o trabalho de intérprete, tem que ter um pouco mais de esforço na verdade, mas em toda disciplina tem sua parte de dificuldade a gente e que tem que tentar correr atrás e que por ele por si só não consegue ne.

4- Qual a dinâmica que você utiliza no processo de interpretação?

R: Assim o basicamente eu interprete o que o professor explica o professor fala eu interpreto, quando ela sente alguma dificuldade alguma duvida eu pergunto ao professor ne graça a deus todos os professores aqui do colégio estadual eles se mostram bem dispostos a vir e explicar e chegar do lado dela ou de repente eu chego do lado da carteira eles me explica eu passo para ela né, e assim agente vai tentando adaptar conversando bastante com os professores ne em relação quando tem prova, trabalhos, também conversados, ate agora não senti nenhuma dificuldade em relação aos professores daqui da escola, sempre quando tem alguma prova por exemplo a gente eu não peço conteúdo antes eu não peço, ate por que e muito complicado por que assim as vezes o professor ele planeja pra dar tal conteúdo em duas aulas só que muitas vezes não vai dar tempo de ele dar aquele conteúdo, então ao professor chega fala eu interpreto e feito alguma prova eu falo professor o de repente a Aluno Surdo 1 não vai conseguir na mesma velocidade de repente ela vai fazer um pouco a menos, tem professor que ela considera o que ela faz só ate a onde ela consegue chegar porque com o surdo o processo e mais lento tem que intérprete tem que explicar as vezes e um aduas três vezes que tu interpreta a mesma coisa o tempo de aula e curto então assim conversando com os professores agente consegue entre assim num bom senso e ela sempre acaba desenvolvendo dentro do que ela consegue.

5- Como se dá a tradução dos conteúdos de física? São os mais difíceis?

R: Então, quando iniciei o meu trabalho como intérprete, o meu desespero no primeiro ano foi esse, como e que eu vou interpretar calculo, foi com que eu mais me apavorei foi com calculo, primeiro porque eu não gosto de calculo, sempre tive dificuldade com calculo, daí começou aquela luta ne agente encontra poucos materiais traduzidos de todas as disciplinas ne eu dei um pouco mais de sorte como eu tinha o Ramon de intérprete no curso ele me auxiliou bastante porque já estava sendo formado um dicionário de física no instituto federal já tinha alguns sinais que já, algumas palavras conceitos de física quem já tinham sinais para aqueles conceitos o que torna o trabalho da gente mais fácil só que entrou outra dificuldade a maioria aqui dos nossos

surdos aqui de Araranguá a alfabetização deles não foi muito boa não foi muito profunda, até por que agente está engatinhando neste processo ainda o processo que veio de 2010 pra cá então que dizer é muito lento ainda, então a disciplina de física, química, matemática agente já encontra algum material de dicionário pra está passando para os alunos daí tu tem que explicar a palavra sinal e o conceito daquilo ali, se torna o processo mais lento também só pra essa disciplina de cálculo como física tu consegue passar com tranquilidade, tu vai usar as imagens são matérias que tu consegue usar bastante imagem né consegue explicar eletricidade usando imagem pra explicar como e que é usa exemplo dentro da sala de aula pra explicar como e que acontece, se torna um pouco não fácil um pouco menos desgastante, por já ter algum material neste sentido, agora se tu for procura material de tradução de história, física, português, nestas outras disciplinas tu encontra um pouco mais de dificuldade pra encontra esses sinais, então agente tem que adaptar algumas coisas.

6-O professor se comunica com você antes de ministrar as aulas? Mostra o seu planejamento?

R: Não ele não mostra e eu também não peço, né pro que eu tenho uma interação muito boa com Professor 1 que é o professor de física da Aluno Surdo 1 e agente conversa fora da sala de aula, a gente conversa na hora do recreio, a gente sempre trocando ideias sobre isso né sobre tradução interpretação, como que é como que não é, pelo convívio também que o professor 1 já teve dentro do próprio IFSC com surdo com a libras, o fato de ele ter morado com um de seus professores de libras também que facilita bastante o entendimento dele para este tipo de coisa, então não sinto dificuldade põe exemplo de ele começar a falar e eu já interpretar por que eu sei que qualquer coisa eu chamo ele de lado ele vai me explicar eu vou passar para ela então para a maioria dos professores eu tenho essa facilidade um ou outro que se torna um pouco mais difícil.

7-Na sua opinião, o aluno surdo está incluído socialmente?

R: Não tá, na minha opinião ainda está engatinhando, ainda precisa mudar muita coisa, né, agente sabe que tem a parte de leis que ampara digamos assim né, que protege digamos assim, que não acontece na verdade dessa maneira né, hoje eu sinto que a Aluno Surdo 1 por exemplo que ela está um pouco mais inteirada com os colegas dela também não é 100% do ano passado para cá que ela começou a interagir um pouco mais nas aulas de educação física com eles mas ela ainda fica isolada fica sozinha mas é um processo que está engatinhando precisa ser conversado precisa

ser explicado, eu sempre fui de ensinar libras para os alunos em sala de aula esse ano eu não consegui ensinar libras devido a greve tudo mais, eu tinha planejado no começo do ano mas acabou mudando os planos e agora não vou conseguir continuar com essa reposição de aulas e tudo mais da greve eu não vou conseguir mas todos anos que eu estava aqui eu dava aula de libras para as turmas ensinava alguma coisa para fazer o aluno surdo também sentir mais interagido com elas mas e um processo que está andando tem muita coisa para ser mudado.

8-E em relação a aprendizagem, você acha que ele é incluído? Porque?

R: Eu assim vou falar especifico no caso da Aluno Surdo 1 e ate dos outros alunos que eu já tive, é o aluno surdo ele tem assim a maioria deles, já e parte da cultura deles de sentir muita preguiça então assim pelo fato de eles não conhecerem todos os significados de todas as palavras e do próprio português deles ser diferente do nosso, então eles não gostam de ler, eles não fazem tarefas eles são meios jogados nas cordas a maioria deles ainda bem que tem uma minoria deles que salva a lavoura como diz outro, mas assim a Aluno Surdo 1 se tem tarefa ela não faz, tem que ser tudo meio mastigadinha assim para ela tentar ter enterre-se por algo, ou tem que estar instigando o tempo todo chamando a atenção o tempo todo, e a maioria do comportamento dos alunos surdos hoje do ensino médio e ensino fundamental também.

Interprete 2

1-Quais os tipos de curso você fez para ser intérprete?

R: Formei-me em pedagogia 2010 dai tinha uma disciplina libras, já gostava muito tempo mas eu nunca imaginei que ia ter uma disciplina libras dentro da pedagogia, ai lá pelo 5º semestre eu acho fiz a disciplina me apaixonei vi que era aquilo que queria e só me formei já comecei afazer cursos, ai comecei com básico, intermediário e avançado enfim, depois em pedagogia eu fiz um curso em educação especial, depois fiz especialização em educação de surdo no IFSC de palhoça ai lá sim eu pude ter contato com outros surdos e ver como e que funcionava a aula em sala de aula esse contato, o professor o intérprete os outros surdos junto com a gente. Cada vez mais fui focando nesta área.

2-Em quais matérias você atua como intérprete?

R: Todas do ensino médio.

3-Você tem dificuldade em traduzir a aula do professor? Acaba mudando algo para passar para o aluno?

R: Vai de acordo com cada surdo, que nenhum surdo é igual a outro, esse surdo esse ano ele é oralizado então assim ele tem toda uma forma diferente de ver o mundo, ele entende todo um lado surdo mas ele entende o mundo ouvinte facilita isso sabe, mas assim toda aula tem que buscar tem sinais novos, tem que tá buscando sinais entendeu par que essa relação aconteça.

4-Qual a dinâmica que você utiliza no processo de interpretação?

R: Com muitos exemplos que a física é uma disciplina muito difícil, trabalhei com o professor 1 ele dos bastante assim exemplos do dia a dia, visual quando ele fala das forças ele empurra duas mesas então ele faz alguns exemplos que para o surdo como ele é visual isso é muito importante, isso me ajuda bastante e uma aula muito difícil.

5-Como se dá a tradução dos conteúdos de física? São os mais difíceis?

R: É mais difícil, como é mais visual, assim os nomes são mais difíceis para colocar isso para a realidade e difícil.

6-O professor se comunica com você antes de ministrar as aulas? Mostra o seu planejamento?

R: Deveria, esse ano não, logo no início já entramos em greve poucos professores entregaram os seus planos, ano passado conseguimos pegar todos os planejamentos, mas assim e pra acontece isso não acontece, já vai dando os conteúdos eu já vou indo atrás sabe, geralmente está acontecendo isso sobe.

7-Na sua opinião, o aluno surdo está incluído socialmente?

R: Não, assim isso é uma longa história se for olhar a história dos surdos e se tu conviver com os surdos, no primeiro momento vem a inclusão para que todos tivessem juntos, mas hoje o surdo não se sente confortável, ele não aprende, por mais que ele tem uma intérprete ali, toda dinâmica, a didática ela não está adaptada para o surdo,

8-E em relação a aprendizagem, você acha que ele é incluído? Porque?

R: Em relação ao Aluno Surdo 2 sim porque ele é um surdo que ele consegue, sabe, por mais que ele tenha dificuldade, o caso dele é mais preguiça, não é tanto a surdez, não é a surdez, o Aluno Surdo 2 se ele parasse por que ele é desatento assim e se ele fosse mais estudioso ele teria totalmente incluído.

Interprete 3

1-Quais os tipos de curso você fez para ser intérprete?

R: Fiz primeiramente um curso básico, nível intermediário, avançado, e conversação entre surdos.

2-Em quais matérias você atua como intérprete?

R: Todas do ensino Médio Biologia, matemática.

3-Você tem dificuldade em traduzir a aula do professor? Acaba mudando algo para passar para o aluno?

R: Dependendo da sala de aula a interpretação é diferente de outros locais fora da sala de aula.

4-Qual a dinâmica que você utiliza no processo de interpretação?

R: Uso imagens para ter um entendimento melhor.

5-Como se dá a tradução dos conteúdos de física? São os mais difíceis?

R: São mais difíceis pelos números, e fórmulas e mais difíceis para eles entenderem, por exemplo, na matéria de física eu interpreto de pé para eu posicionar melhor e ter um entendimento melhor.

6-O professor se comunica com você antes de ministrar as aulas? Mostra o seu planejamento?

R: Alguns sim, outros não.

7-Em sua opinião, o aluno surdo está incluído socialmente?

R: No contexto da sala de aula sim.

8-E em relação aprendizagem, você acha que ele é incluído? Por quê?

R: Não, acho que ele até estão incluído, mas eles têm uma grande defasagem nas aprendizagens.

Entrevista Aluno surdo 1

1-Nome: Aluno surdo 1

2-Idade: 19 anos.

3-Você gosta de estudar nesta escola?

R: Gosta de estudar, acha importante o apoio da escola, aprender, difícil e na hora do intervalo as brincadeiras com os alunos, mais a comunicação mas eu gosto.

4-Você estuda em outra escola de especialização?

R: Não.

5-Você trabalha, onde e quantas horas?

R: Não trabalha mais.

6-Qual matéria você mais gosta?

R: Não gosta de nenhuma matéria.

7-Qual matéria você acha mais difícil?

R: Matemática acha muito difícil.

8-Porque você acha esta matéria difícil?

R: Muito difícil.

9-Tem alguma matéria que você consegue acompanhar sem o interprete? Qual?

R: Artes.

10-Você gosta de aula de física?

R: Acha mais ou menos.

11-Consegue acompanhar o professor de física em aula?

R: Acha muito difícil acompanhar por causa da confusão dos alunos em aula, muito barulho, ela não presta atenção e acaba perdendo a concentração.

12-O que você gostaria que tivesse na aula de física para ficar melhor?

R: Não gosto das aulas.

13-Você acha que aprendeu os conteúdos?

R: Mais ou menos.

Aluno Surdo 2

1-Nome: Aluno Surdo 2

2-Idade: 17 anos.

3-Você gosta de estudar nesta escola?

R: Não gosta muito, por que o conteúdo e chato.

4-Você estuda em outra escola de especialização?

R: Não, mas frequenta o SAED da escola, nas quarta feira.

5-Você trabalha, onde e quantas horas?

R: Trabalha no jornal, segunda e sexta feira, 1 hora e meia.

6-Qual matéria você mais gosta?

R: Matemática.

7-Qual matéria você acha mais difícil?

R: Física e português.

8- Porque você acha esta matéria difícil?

R: Muitos, símbolos, muito difícil.

9- Tem alguma matéria que você consegue acompanhar sem o interprete? Qual?

R: Tem que ter interprete para entender a matéria, Português, química física, biologia.

10- Você gosta de aula de física?

R: Não.

11- Consegue acompanhar o professor de física em aula?

R: Consegue um pouco, mas tem dificuldade.

12- O que você gostaria que tivesse na aula de física para ficar melhor?

R: Não sei.

13- Você acha que aprendeu os conteúdos?

R: Sim.

Aluno Surdo 3

1- Nome: Aluno Surdo 3

2- Idade: 19 anos

3- Você gosta de estudar nesta escola?

R: Gosta de estudar, acha importante o apoio da escola, aprender, difícil e na hora do intervalo as brincadeiras com os alunos, mais a comunicação mas eu gosto.

4- Você estuda em outra escola de especialização?

R: Não.

5- Você trabalha, onde e quantas horas?

R: Trabalha no supermercado Giassi, 6 horas.

6- Qual matéria você mais gosta?

R: Gosta matemática e português.

7- Qual matéria você acha mais difícil?

R: Acha muito difícil a matéria de português.

8- Porque você acha esta matéria difícil?

R: Por serem os sinais as palavras serem parecidas, mas terem significados diferentes.

9- Tem alguma matéria que você consegue acompanhar sem o interprete? Qual?

R: Arte consegue acompanhar.

10- Você gosta de aula de física?

R: Mais ou menos, e um pouco complicada, mas gosto de aprender.

11-Consegue acompanhar o professor de física em aula?

R: Acha que é difícil acompanhar, por que o professor está ali explicando aí tem a confusão dentro da sala dos alunos daí é difícil.

12-O que você gostaria que tivesse na aula de física para ficar melhor?

R: O professor é ótimo, muito legal ele interage muito bastante com a turma inclusive comigo e que as aulas são boas, o que atrapalha é a desconcentração da turma.

13-Você acha que aprendeu os conteúdos?

R: O que eu tive de matéria eu aprendi.

Aluno Surdo 4

1-Nome: Aluno surdo 4

2-Idade: 21 anos

3-Você gosta de estudar nesta escola?

R: Gosta.

4-Você estuda em outra escola de especialização?

R: Não.

5-Você trabalha, onde e quantas horas?

R: Não trabalha.

6-Qual matéria você mais gosta?

R: Gosta de Artes.

7-Qual matéria você acha mais difícil?

R: Matemática e português acha muito difícil.

8-Porque você acha esta matéria difícil?

R: Muito difícil.

9-Tem alguma matéria que você consegue acompanhar sem o intérprete? Qual?

R: Artes.

10-Você gosta de aula de física?

R: Acha muito difícil.

11-Consegue acompanhar o professor de física ou ciências em aula?

R: Acha difícil acompanhar as aulas.

12-O que você gostaria que tivesse na aula de física para ficar melhor?

R: O professor é ótimo, muito legal ele interage muito bastante com a turma inclusive

comigo e que as aulas são boas, o que atrapalha e a desconcentração da turma.

13-Você acha que aprendeu os conteúdos?

R: Tem muitas dificuldades em aprender.

Entrevista Alunos ouvintes – Turma 1

1-Vocês conversam com seu colega surdo?

R: Sim, as vezes, poucas coisas, porque ela deixa por exp. ela fala para gente coisa fáceis como cair de bicicleta, ela dá uma impressão de que a gente consegue entender, conseqüente entender em partes o que ela está dizendo, as vezes sai uma voz assim, algumas palavras saem.

2-Quais as dificuldades?

R: A dificuldade e pelo fato de a gente não saber libras, a gente teve algumas aulinhas com a Intérprete 1, mas não foi muita coisa então a gente tem uma dificuldade.

3-Mesmo ele sendo surdo você convida ele para interagir, e fazer trabalhos em sala de aula?

R: Sim.

4-O Intérprete ensinou para vocês algo de libras para poderem interagir com o colega?

R: Sim, já.

5-Vocês acham que o intérprete atrapalha o aprendizado de vocês?

R: Não,

6-Vocês acham que o intérprete os distrai, atrapalhando a aula?

R: Não, nem distrai a aula, a gente já acostumou agente já faz 3 anos que estamos juntos, nunca atrapalha a aula, passa o olho e fica olhando tem vez que eu me perco, para saber como e que ela consegue se comunicar com o Aluno Surdo 1.

7-O que vocês acham de ter um colega surdo estudando com vocês;

R: Pelo fato de a gente já estar a um tempo, já desde o 1º ano agente já acostumou, já e normal.

Alunos Ouvintes – Turma 2

1-Vocês conversam com seu colega surdo?

R: Sim, bastante, falando ele consegue entender quando falamos.

2-Quais as dificuldades?

R: Chamar ele.

3-Mesmo ele sendo surdo você convida ele para interagir, e fazer trabalhos em sala de aula?

R: Ele faz tudo da mesma forma que a gente, sempre está junto de nos.

4-O Intérprete ensinou para vocês algo de libras para poderem interagir com o colega?

R: Ensinou, mas não usamos muito.

5-Vocês acham que o intérprete atrapalha o aprendizado de vocês?

R: Não, dependendo o que ela faz, as vezes ela faz umas paradas diferente que chama a atenção.

6-Vocês acham que o intérprete os distrai, atrapalhando a aula?

R: Não.

7-O que vocês acham de ter um colega surdo estudando com vocês;

R: Engraçado, e forma de como ele se comunica ele tenta falar, as vezes ele está num papo com a turma que não para de conversar, as vezes ele faz umas gritaria em grupo.

Alunos Ouvintes – Turma 3

1-Vocês conversam com seu colega surdo?

R: Nada, o que a gente sabe a gente conversa, oi, bom dia.

2-Quais as dificuldades?

R: Todas, e de lembra os sinais, e entender também, a gente não tem nenhuma disciplina de libras, aprendemos na prática, aprende olhando, e muito difícil.

3-Mesmo ele sendo surdo você convida ele para interagir, e fazer trabalhos em sala de aula?

R: Sim, sempre os convidamos para participar das atividades em sala, sempre incluímos nos trabalhos.

4-O Intérprete ensinou para vocês algo de libras para poderem interagir com o colega?

R: Ano passado sim, a intérprete 1 fez com a gente, com apostila e tudo, tinha algumas sextas para aprender libras, bem legal, bem interessante.

5-Vocês acham que o intérprete atrapalha o aprendizado de vocês?

R: Não, de maneira nenhuma,

6-Vocês acham que o intérprete os distrai, atrapalhando a aula?

R: Não, ainda prestemos atenção na interprete e na aula, para aprender algo a mais.

1. O que vocês acham de ter um colega surdo estudando com vocês?

R: Ao mesmo tempo em que é muito legal e muito angustiante também, por que tão próximo, tão distante, dê a dificuldade, sempre os incluímos, tentamos conversar ao máximo.